

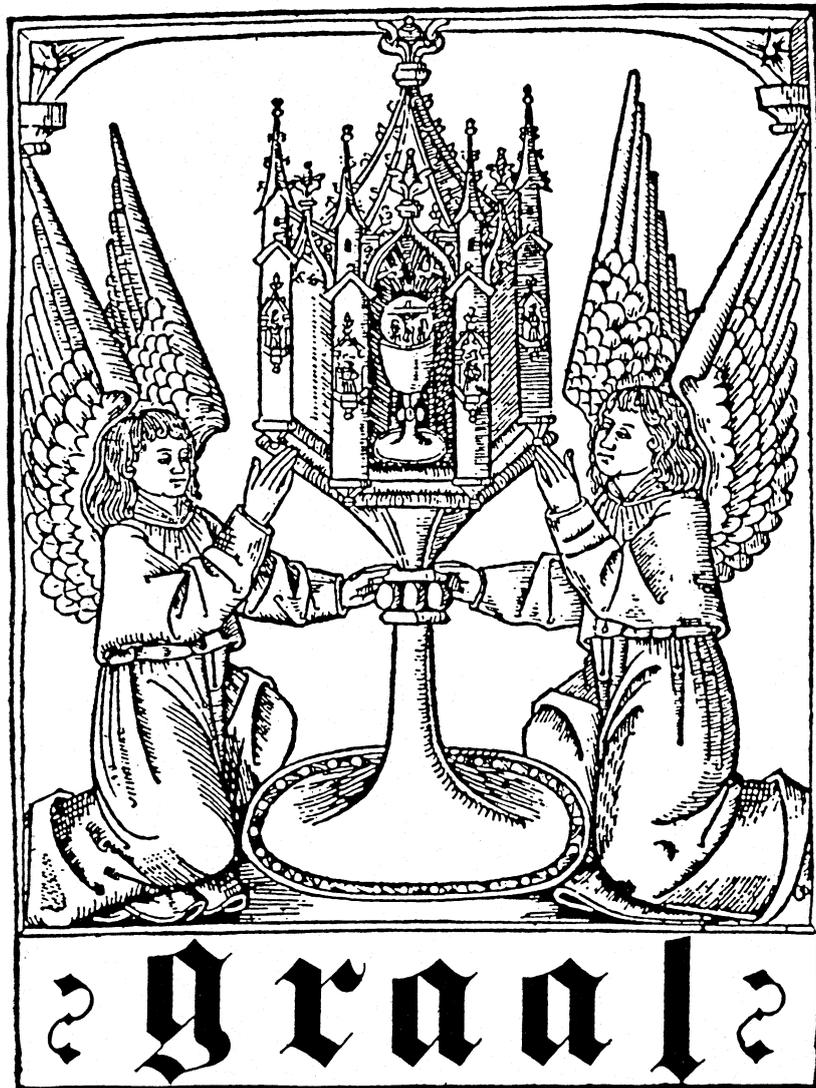
Comunidade Portuguesa de Eubiose

OLÍMPIO NEVES GONÇALVES



A DIVINA PARUSIA
SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

~ g r a a l ~



A DIVINA PARUSIA
(Segundo Advento do Cristo)

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

Revista Graal - Número especial

2ª Edição

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

Olímpio Neves Gonçalves

A DIVINA PARUSIA

(Segundo Advento do Cristo)

Adaptado da palestra proferida na Comunidade Portuguesa de Eubiose
em Sintra, no dia 9 de Novembro de 1985



ÍNDICE

A CRISE ESCATOLÓGICA CONTEMPORÂNEA	9
O Ocaso da Idade das Trevas	10
O Termo do Ciclo Adâmico	12
Da Mecânica Sideral	13
O Signo Zodiacal de Aquário	14
A TEOFANIA DO KALKI-AVATARA	17
Os Avatares	17
A Natureza Trina da Divindade	18
Formas de Avatarização	19
Bodhisattvas e Jivamuktas	19
O Avatara do Ocidente	21
Linhagem do Avatara de Vishnu	23
A MANIFESTAÇÃO TRIÁDICA DO AVATARA	25
A Tripla Constituição do Buda Maitreya	25
A Geminidade do Kalki-Avatara	26
O Arcano do Buda Humano	31
Processo Soteriológico de Transição	33

“O IGNORANTE DIZ: EU SEI

O SÁBIO DIZ: ASSIM OUVI DO MESTRE

O MESTRE DIZ: ASSIM DIZ A LEI.”

Henrique José de Sousa

A CRISE ESCATOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

"UMA VOZ DE GRANDE RUMOR VIRÁ DA CIDADE"

"QUEM JAMAIS OUVIU TAL COISA, QUEM VIU COISAS SEMELHANTES ?"

"QUEM SÃO ESTES QUE VÊM VOANDO COMO NUVENS E COMO POMBAS ÀS SUAS JANELAS ?"

"PORQUE, EIS QUE O SENHOR VIRÁ ENVOLTO EM FOGO: SEUS CARROS COMO UM TORVELINHO..."

ISAÍAS, CAP. 66

Se olharmos à nossa volta, estaremos todos de acordo em reconhecer que o mundo atravessa, actualmente, um ciclo crítico de transição, um limiar de rotura em que todas as coisas parecem votadas a uma próxima destruição, em que a instabilidade mais generalizada parece reinar, em que todos os valores humanos são postos em dúvida à escala planetária.

Nos últimos decénios, a imagem aparentemente estável do mundo foi abalada até aos alicerces e, com ela, a noção convencional das próprias estruturas sociais e dos conceitos que lhe são intrínsecos. De nada servem já os velhos sistemas referenciais, porque a ciência, a religião, a filosofia ou a política não dão mais resposta aos legítimos anseios da humanidade.

A ciência, que deveria promover o bem-estar geral, tende a constituir-se frequentemente como factor de desagregação e violência, colocada ao serviço das forças detentoras do poder e não dos cidadãos, servindo os interesses irresponsáveis, corruptos e egoístas das elites económicas e dos governos.

A religião, pouco mais é que um cadáver, desvirtuada do seu conteúdo e vocação originais, alienada das carências individuais e colectivas dos seus crentes, quase sempre manipulada por grupos ditos únicos detentores da verdade, mas, ao contrário, sectários, literalistas primários e obscurantistas.

Politicamente, é o desajuste entre os horizontes propostos dos modelos e a realidade concreta, o divórcio entre uma "theoria" ideal e uma "praxis" irrealista, rapidamente envelhecida e ultrapassada pela mutação constante das sociedades constituídas.

Não é difícil concluir que os dinamismos que perturbam todos os sectores e frentes, quer nas instituições quer nas ideologias, provêm da herança determinante, da mundividência peculiar do pensamento empírico-positivista ou, mais genericamente, de todo o processo, dito cartesiano (mal assimilado e desvirtuado), de especulação que caracterizou o início do século actual. E, contudo, frente ao "cientismo" redutor herdado do séc. XIX, que impregna ainda o nosso tempo, como que, paradoxalmente, se observa a mais franca abertura ao livre exame de todo o repositório de sabedoria acumulada ao longo dos séculos por tipos de sociedades portadoras de estruturas mentais e lógicas diferentes das nossas, fundadas na transmissão de ensinamentos tradicionais, não menos explicativos que os da "ratio" ocidental e, certamente, bastante mais subtis e profundos nas suas raízes.

E é assim que, se poderosas forças subterrâneas impelem a humanidade, hoje atolada num grosseiro materialismo, irresistivelmente ao limiar da sua própria destruição, para um devir que nada tem de promissor, por outro lado, uma minoria, sempre crescente, é incentivada por imperativa curiosidade intelectual ou por motivações de natureza existencial à busca de novos conceitos, sistemas e referenciais, sob o impacto da difusão editorial dos conteúdos, teses e premissas conjecturais, as mais ousadas e polemizantes, cujo carácter parece forçar as fronteiras do impossível e do desconhecido.

A menos que ultrapassemos a circunstância do nosso tempo, a menos que interroguemos com honestidade, desprendimento dogmático e ousadia a silenciosa esfinge que guarda em seu seio os mistérios do passado e do devir, não conseguiremos obter as respostas às nossas inquietudes nem alcançar o complexo feixe de causas que condicionam nossos tempos e decidem o destino deste período especialmente crítico da nossa história. Mergulhando nesta teia intrincada de linhas de força que activam e desactivam a nossa condição humana e planetária de forma inexorável, é-nos possível isolar, à luz da Sabedoria das Idades, quatro vectores elucidativos:

- 1º O Ocaso da Idade das Trevas
- 2º O Termo do Ciclo Adâmico
- 3º Um Fenómeno de Mecânica Sideral
- 4º A Transição Zodiacal.

O OCASO DA IDADE DAS TREVAS

Está amplamente disseminada a doutrina das Quatro Idades. Um ciclo de evolução planetária é conhecido como uma Maha-Yuga ou Grande Idade. A Maha-Yuga divide-se tradicionalmente em quatro estádios ou idades menores: a Krita-Yuga, a Treta-Yuga, a Dwapara-Yuga e a Kali-Yuga. Os gregos denominavam estes sub-ciclos, respectivamente, como as Idades de Ouro, de Prata, de Cobre e de Ferro. A vigência destas quatro idades não é equitativa no tempo. Existe uma relação aproximada de quatro para um, isto é, a Kali-Yuga perdura cerca de um quarto da Idade de Ouro.

A humanidade encontra-se, actualmente, na Idade de Ferro, a Kali-Yuga, um ciclo de existência que se caracteriza pelo obscurantismo espiritual e pela decadência social e política. Todas as tradições mencionam estas quatro idades e todas são unânimes, também, quanto ao facto de que a Idade de Ferro, ou de Kali, constitui o final de um ciclo de evolução, o qual culmina, sempre, num "grande julgamento" em que a humanidade é "pesada, medida e contada", de forma a que as velhas formas e estruturas caducas pereçam, se introduzam germes civilizacionais novos e aqueles que tiverem o "peso e a medida" certos, os "escolhidos", isto é, a humanidade seleccionada, possa transitar para um outro período de evolução superior, uma nova Idade de Ouro ou da Luz.

À luz dos conhecimentos esotéricos, podemos deduzir que a Kali-Yuga é uma idade de trevas ou de declínio, em que os conflitos se acentuam, as instituições se aviltam e a moral se degrada. As mesmas fontes asseguram-nos que a actual crise mundial poderá alcançar o seu ocaso ainda em finais deste século e que o fim da civilização contemporânea está próximo. Uma obra que remonta ao alvor dos tempos, a "Crónica do Futuro", recolhida por Andrew Thomas, revela que a idade obscura em que mergulhamos conduzirá celeremente ao desregramento em todos os domínios.

Examinemos mais de perto o que nos diz a "Crónica do Futuro" sobre a Kali-Yuga. Que, cada um, julgue por si:

"À medida que se avança na Idade dos Conflitos, as virtudes do homem se degradam. O homem torna-se irresponsável, corrupto e egoísta. As ciências, até aí reservadas aos que as sabem utilizar com sabedoria, passam a ser do domínio comum dos homens, os quais não possuem o discernimento necessário para as utilizar. Cada um, em vez de se esforçar pela realização plena da sua natureza, seu papel na sociedade, procura antes substituir os mais qualificados do que ele. Na desordem social que resulta, estabelecem-se hierarquias baseadas na ambição, não na competência. O bom soldado volve-se num odioso tirano, o bom artesão num ministro incapaz, o príncipe num comerciante venal, o letrado num empregado servil."

"A vida interior e espiritual cinde-se do conhecimento e a religião torna-se crença cega e instrumento de perseguição. Todas as religiões nascidas durante a «Idade dos Conflitos» atentam à revolução social, e seus dogmas, frequentemente aberrantes, servem de instrumento aos poderes temporais, a fim de estabelecerem o seu domínio. Somente os místicos, isolando-se do mundo, sabem, através da intuição, estabelecer o contacto com as realidades eternas, mas, ou são ignorados ou perseguidos."

A "Crónica" afirma, ainda, que a Idade dos Conflitos terminará numa derrocada final, uma catástrofe apocalíptica que aniquilará uma boa parte da humanidade e imprimirá um novo rosto à própria Terra. Esta calamidade, que se denomina em sânscrito, curiosamente, "cabeça de mula", após as profundas comoções que produzirá, há-de conduzir a humanidade sobrevivente à Idade da Verdade.

O TERMO DO CICLO ADÂMICO

Conquanto tenham existido outras Kali-Yugas no passado, o ciclo que agora termina assume um significado particular, na medida em que coincide cronologicamente com a extinção de um outro período evolutivo, o estágio adâmico da humanidade. Segundo a Sabedoria Tradicional, o ciclo de Adão ou homem adâmico teve o seu início à cerca de 18 milhões de anos, no continente da Lemúria, quando “colhendo e comendo o fruto da Árvore do Bem e do Mal”, isto é, quando, através da grande iniciação colectiva atingiu o grau da individuação e logrou alcançar a noção do “eu” e do “outro”, o sentido da alteridade, enfim, a autoconsciência e, com esta, pôde dispor do livre arbítrio, sendo expulso do Éden. A expulsão do paraíso corresponde à perda da inocência primordial, da rotura com a imanência divina no Ser. Adão foi assim “condenado” a avançar pela via da transcendência divina, através do “outro” manifestado, à custa dos seus próprios esforços, com o “suor do seu rosto”.

O ciclo adâmico tem vindo a transformar o homem-animal e psíquico da Lemúria no Ser autoconsciente, individualizado e mental dos nossos dias. E porque uma substancial percentagem de indivíduos enveredou pelo caminho de retorno ou de reintegração consciente, conseguindo estabelecer o vínculo matricial dos seus egos inferiores com a sua centelha divina, a imanência crística, o ciclo evolutivo está agora preparado para a necessária mutação.

A tragédia da hierarquia humana, a dos Jivas, reduz-se ao historial de toda a era adâmica e ao seu símbolo, o místico centauro. E que vemos no Centauro? Meio-animal e meio-homem, ele distende o seu arco com esforço e prepara-se para disparar a seta no futuro, no horizonte do homem espiritual, para transpor a fase polimórfica de evolução. Se o começo da era adâmica se caracteriza pelo fenómeno anímico da individuação, a presciência do plano logóico cravará a flecha no seu alvo, o glorioso futuro que foi destinado ao homem, a sua redenção no paraíso reassumido, a Satya-Yuga em Aquário, o próximo ciclo zodiacal, como Ser reintegrado, espiritual. Na verdade, com o ingresso da humanidade no novo ciclo de Aquário, transitando do signo de Peixes, o elemento líquido deste signo, as águas inferiores, de predomínio astral, ver-se-á substituído pela aspensão das águas superiores, ígneas, vertidas pela ânfora do arcano catorze do Tarot, as águas etéreas da mente abstracta, da paz, da unidade, da concórdia do Espírito Santo.

Entretanto, o fim dos tempos operará a grande transmutação alquímica pela água de Pisces e pelo fogo de Aquarius. E, segundo os vaticínios, um novo céu, uma nova Terra e um homem renovado coroarão o ciclo adâmico com uma nova cosmovisão assente na consciência transpessoal de toda a humanidade.

DA MECÂNICA SIDERAL

O aparecimento de um Avatara da grandeza de um Buda implica uma fenomenologia de considerável complexidade cósmica e planetária. O momento único de crise mundial que se vive deve-se a múltiplos factores, entre os quais a formação de certas configurações astronómicas e de outros eventos de carácter sistémico. Debrucemo-nos sobre um dos elementos catalisadores do processo de transformação cósmica que explica a extraordinária precipitação de energias, sem as quais o advento do Reino do Pai e o Regresso de Cristo não seriam eventualmente viáveis.

Os orientais simbolizam na "Dança de Shiva" o eterno movimento vibratório a que todo o universo manifestado está sujeito, desde o mais ínfimo dos átomos e seus elementos constituintes, ao mais esplendoroso e abarcante dos astros celestes. A ideia de repouso, da aparente estabilidade em que psicologicamente nos apoiamos, não passa de mera ilusão, todos o sabemos. Racional e experimentalmente aceitamos que o sol descreve sua própria translação em torno de "algo" e que os planetas descrevem seus movimentos próprios de rotação e de translação (além de outros) em volta do astro-rei. Apenas para recordarmos, diremos que a Terra descreve a sua órbita de translação à velocidade de 106 000 Km/hora, ou seja, de 29 Km/s. Esta velocidade pouco significa, porém, se a compararmos com a de algumas galáxias observadas, que varam o espaço à velocidade, para nós incrível, de 160 milhões de Km/hora.

Pois bem, nosso Sistema Solar, no seu movimento de translação em torno de um foco, ainda desconhecido, percorre sua trajectória rumo à constelação de Hércules à velocidade de 1 600 000 quilómetros por hora. Nesta viagem, em que todo o Sistema Solar está embarcado, à medida que avançamos nesta nave inter-sidereal em direcção desse Super-Sol que rege a nossa galáxia, em que incontáveis universos-ilhas se movem, respiram e evoluem, quanto mais se progride para o centro dessa actividade, mais o Sistema é afectado pelo impacto desse cinturão do espaço impregnado por poderosa radiação magnética e alta frequência vibratória. Mental, física, emocional e espiritualmente, nada escapará à profunda mutação provocada por essa imensa faixa vibratória de alta frequência em que, neste momento mesmo, todos viajamos.

A incidência deste fenómeno cósmico sobre todo o sistema sentir-se-á, naturalmente, de uma forma muito específica em nosso minúsculo e relativamente pouco evoluído planeta. Tendo em conta que não alcançou ainda o grau de planeta sagrado, é fácil supor os devastadores efeitos que provocará em todos os reinos da natureza, e não só no reino humano, mas sobre as hierarquias dévicas e construtoras em actividade na Terra. Por isso, os Mestres anunciam que soou a hora da grande oportunidade para a Terra, pois todo o sistema está a submeter-se a uma iniciação cósmica e este processo omniabarcante de mutação inclui até o próprio Logos.

A sementeira está feita. Como veremos, o próximo Avatara, na sua qualidade de Buda Integral, colherá os frutos das experiências vividas pela hierarquia humana até aos nossos dias. E porque os "tempos são chegados", as poderosas energias do 7º raio, o Raio

Violeta, exercerão a sua tarefa devastadora das velhas formas, precipitando esta civilização no caos e na agonia das suas próprias contradições.

Em breve, sob a acção transmutadora e purificadora do novo ciclo, um tipo de relações mais justas e espirituais se propagará entre os homens, pois esta velha civilização, que é ainda a do homem adâmico, alcançou o limiar de saturação da Kali-Yuga, e toda a saturação conduz à crise e a crise à rotura e transmutação para um novo estado de ser. E é este facto que explica que, face à descrição sombria anunciada pelo final da Era de Kali, a Idade negra dos conflitos, se assista a uma atitude de expectativa geral e a um sentimento de aspiração e anseio de muitos homens ante a possibilidade eminente de um acontecimento tão transcendente como a vinda de um Avatara Salvador. Os velhos mitos escatológicos ressurgem, instilados pelos textos escriturísticos de todas as tradições, assim como as perspectivas do novo milenarismo, que pressupõem a instauração do Reino do Espírito Santo e uma Era de PAX para a humanidade.

O SIGNO ZODIACAL DE AQUÁRIO

Na presciência das coisas, a harmonia pré-estabelecida, já prognosticada por Leibniz, faz-se perceptível e coerente. Nestas linhas de convergência onde o acaso e o aleatório não têm lugar, acontece uma outra notável coincidência: o longo ciclo adâmico, iniciado, como vimos, há cerca de 18 milhões de anos com a vinda dos Senhores Kumaras, precedentes de Vénus, o Alter-Ego da Terra, esgota-se com o ciclo zodiacal de Peixes. O ingresso no signo zodiacal de Aquário traz com ele uma Nova Ordem no processo evolutivo.

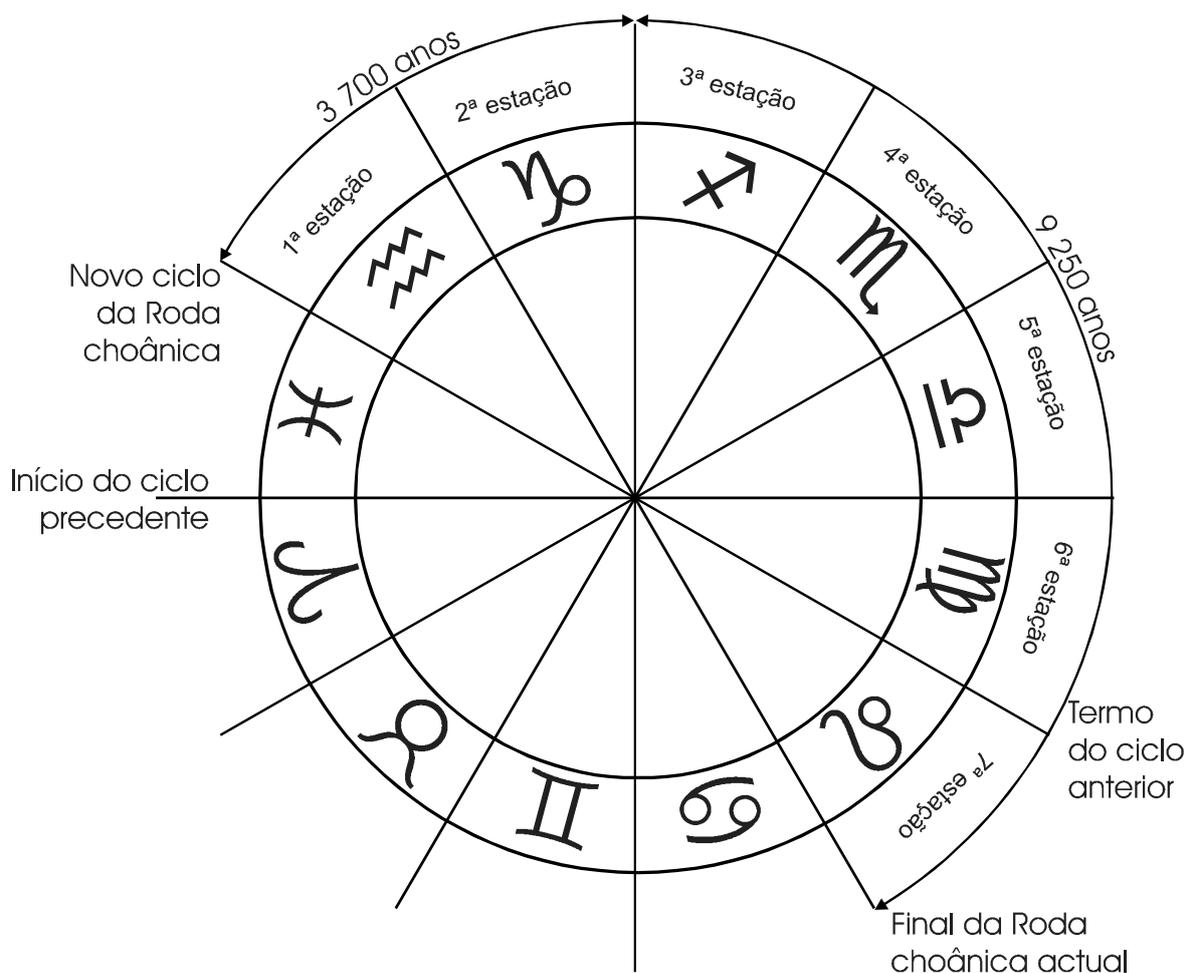
Ingressar em Aquário significa uma de duas coisas: que o Sol nasça no ponto vernal do equinócio da primavera, no signo de Aquário – o que acontece actualmente – ou que o Sol nasça na constelação de Aquário, o que sucederá pelo ano 2700. O lugar onde o sol nasce no equinócio da primavera, chama-se “ponto vernal”, termo que deriva do latim “ver”, que significa “primavera”, e dá-se por relação às estrelas fixas. Devido a certos fenómenos muito complexos, entre duas aparições do sol o ponto vernal decorre um pouco antes de terminar o ano. Diz-se, então, que o sol do equinócio “precede” o término do ano. O sol aparece no horizonte (como ponto vernal) um pouco antes do ano sideral, solar, haver terminado. Este avanço (que dura vinte minutos e vinte segundos, por ano) é que constitui o fenómeno da precessão. Como se sabe, o signo da Aquário é um dos doze signos que constituem o zodíaco, e que o sol percorre na sua ronda total em cerca de 25.920 anos. Com o ingresso no signo de Aquário culmina-se um ciclo astrológico maior, o grande périplo simbolizado pela serpente “oroboros”, a serpente que morde a própria cauda e a que os gregos chamavam o Grande Ano.

Não queremos deixar de abordar um outro fenómeno relevante no metabolismo rítmico planetário, praticamente desconhecido, que referenciaremos como “Roda Choânica” dos Raios de energia. É da dilucidação deste ciclo rítmico que podemos inferir da razão

por que o signo de Aquário se vincula, actualmente, ao 7º raio do mental, o raio de síntese que predominará durante o próximo ciclo, que tem como seu Choan o excelso S. Germain e como qualidades características, a ordem, a transmutação e a purificação. Sabe-se que o Raio Único Sintético, proveniente do Sol, se divide expectralmente em sete Raios, sendo três principais, considerados esotericamente como Raios de Aspecto. O Terceiro raio subdivide-se, por sua vez, nos raios de Atributo, os quarto, quinto, sexto e sétimo fluxos de energia qualificada.

O tempo cíclico de dispensação de cada período choânico dura cerca de 1 850 anos (grosso modo) e uma "Roda Choânica" circula durante cerca de 12 950 anos: 1 850 anos para cada uma das primeira e segunda dispensações de energia choânica e 9 250 anos para a terceira emanção choânica, com os seus quatro sub-aspectos de Atributo.

Tomemos, porém, em consideração que existem sete raios em doze signos zodiacais e que se a vigência da "Roda Choânica" é de 12 950 anos, a correlação que actualmente se confirma entre o 7º raio e o signo de Aquário, além de não ser fortuita, não se verificou no ciclo precedente. Se analisarmos o esquema junto, facilmente compreenderemos que, o anterior ciclo da "Roda Choânica" teve o seu começo no signo de Peixes e a sua resolução em Virgem e que a "Roda" actual, tendo o seu início em Aquário, finalizará em Leão, após cerca de 12.950 anos de giro.



No início de um ciclo zodiacal menor, que corresponde a cerca de 2160 anos, surge sempre entre os homens um Salvador, Aquele que traz uma nova "lei", uma nova dispensação reveladora e que, através do sacrifício do seu nascimento, liberta as energias qualificadas do ciclo nascente, projectando as "sementes" que desabrocharão como novas civilizações, novos conceitos e culturas. Assim aconteceu, por exemplo, com Ram, no signo de Carneiro, com Jesus-Cristo na era de Peixes. A obediência à lei obriga, pois, a que o Avatara de Aquário decorra no início dos novos tempos cíclicos. Com Aquário inicia-se uma Nova Era planetária. Se a Kali-Yuga bem pode assimilar-se à noite primordial, a próxima Idade de Ouro será comparável à organização do caos e ao Eden. O Avatara como que proclamará um outro "fiat lux". Então, todas as coisas serão regeneradas pelo seu Poder e o homem, qual Adão ressuscitado, regressará ao paraíso, restituído à sua condição divina.

As profecias indicam que será Maitreya, o Cristo que instaurou o ciclo de Peixes que agora se esgota, o Avatara que conduzirá a humanidade ao seu destino espiritual. Singularmente, é o primeiro dos Avataras a cobrir dois ciclos zodiacais, e se há dois mil anos Ele apareceu na sua condição espiritual de Bodhisattva, hoje, descerá à Terra como um Buda Perfeito, procedendo à fusão das energias da era de Peixes com as de Aquário.

Peixes, como ápice do ternário das águas, pode assemelhar-se à massa ondulante dos oceanos em quem tudo se derrama e dissolve. Em Peixes reinou soberanamente o húmido como meio de diluição e de fusão das partes na totalidade. Sob os auspícios da civilização nascente que surgirá em Aquário, poderá o homem participar no fluxo do grande universo planetário, incluindo a comunidade de todos os homens na Terra. A mediação de Peixes, aspectado por Júpiter e Neptuno, processou a integração universal dos homens. Com Aquário, e pela influência de Urano, a energia do 7º Raio fluirá, sem soluções de continuidade, como um sopro volátil, todo ele límpido e cristalino, promovendo a comunidade espiritual planetária e o modelo teleológico do Logos.

O presente Avatara, como Buda Integral, expressará os "Três Princípios" em "Um". Representando uma hipóstase de Vishnu, consubstancia em si a qualidade do Amor-Sabedoria, do 2º Raio ou raio sintético, mas harmonizará este segundo aspecto da Trindade Divina com os outros dois vértices, o da Vontade e da Actividade Inteligente. Sob um certo ângulo, actuará como um Buda "colheita", como já referimos, pois resumirá em si toda a sabedoria acumulada até hoje pela humanidade. Segundo os ensinamentos ministrados em nossa Escola, existem Budas "colheita" e Budas "semente". Maitreya-Buda, porém, representará uma simbiose dos dois casos, já que, como Buda de síntese, potencia em sua grandeza tudo quanto o próximo ciclo há-de assimilar e manifestar. Daí que, a Idade de Ouro venha a fusionar, no alvor dos tempos que se aproximam, o Reino do Pai, com o Reino do Filho e o do Espírito Santo.

A TEOFANIA DO KALKI AVATARA

OS AVATARAS

Num distante mosteiro do Tibete, em Shigatsé, encontram-se alinhadas as imagens de sete Budas, desde tempos imemoriais. Esfinges silenciosas, de rosto impassível, perscrutando em estática contemplação a lenta caminhada do Carro da Merkavath.

A quem tenha a felicidade de contemplar esse friso de imagens búdicas recolhidas nesse estranho e misterioso mosteiro, quase inacessível, estranhará, talvez, que o último dos Budas possua tez e feições brancas, arianas, e que, por detrás desta imagem, hieraticamente sentada na sua postura de lótus, existe um curioso adorno, uma ferradura em ouro, cravejada com sete formosas pedras preciosas. A ferradura que adorna essa imagem do Buda Branco constitui, de facto, o símbolo imortal do Redentor Síntese da humanidade da Kali-Yuga, o Kalki-Avatara. A sua fisionomia ariana suscita que o Kalki-Avatara, o Avatara Cavalo, surgirá no Ocidente, como filho da quinta raça ariana, a fim de que se cumpram as profecias que anunciam que, no "final dos tempos", o foco espiritual do Mundo se instalará e irradiará do hemisfério ocidental.

Segundo o dicionário sânscrito de M. Williams, o termo Avatara é de procedência sânscrita e significa literalmente: "que desce de muito alto". A raiz "ava" exprime a ideia de "à distância, longe, para baixo". Avataram, sugere "mais longe". A raiz "ava" parece indicar sempre a "ideia de protecção do alto". Aplicada aos deuses, indicará: "aceite favoravelmente", "sempre que um sacrifício é oferecido". Daqui resulta a expressão: "que desce com a aprovação de fonte superior donde Ele emana e em favor do lugar onde chega". Guilherme de Abreu, no seu dicionário de língua sânscrita, refere que a palavra Avatara (não Avatar) tem o seguinte significado: "descida de um deus à Terra, aparecimento de um ser sobrenatural em forma humana ou sensível; a epifania de uma divindade". De acordo com a doutrina da Eubiose, um Avatara é a "incarnação ou manifestação do Espírito de Verdade", "uma consciência cósmica agindo no plano da limitação antropogénica". Avatara é, pois, uma manifestação ou transferência hipostática da divindade entre os homens. Blavatsky assinala que se trata "da descida de um deus ou exaltado ser – o qual progrediu para além da necessidade de renascer – no corpo de um simples mortal". Podemos concluir que uma avatarização será uma ocorrência em que certas existências cósmicas, ou outras entidades altamente evoluídas, se revelam à humanidade para a realização de uma missão específica. Como veremos, estas definições completam-se entre si.

A NATUREZA TRINA DA DIVINDADE

A Santíssima Trindade da dogmática cristã assenta no conceito de que Deus, o Uno, possui três aspectos, três Pessoas que realizam o "Três em Um", como Pai, Filho e Espírito Santo. Este dogma não se reduz à tradição do cristianismo, antes é extensivo a outras doutrinas religiosas, entre as quais, pelo seu conteúdo filosófico, será de destacar a "Trimurti" do panteão hindu, generalizada por todo o Oriente.

A locução Trimurti significa "três formas", "três faces" duma única deidade. Na Trimurti, Shiva corresponde ao Pai da trindade cristã, Vishnu ao Filho e Brahma ao Espírito Santo. Mas poderíamos recordar outras tantas tríades divinas, em íntima correspondência e análogas nos seus atributos, tais como a egípcia (Osiris, Horus e Isis) e a caldaica (Anu, Hea e Bel).

Em ordem ao princípio tradicional de que a criação obedece à lei trina, embora se manifeste septenariamente, as três pessoas que expressam a Unidade veiculam, nos vários níveis de manifestação, qualidades, atributos, funções e energias de modo triádico. Assim, por exemplo, este princípio caracteriza-se antropomorficamente no ser mortal que somos, feitos à semelhança de Deus e em nosso próprio plano de existência, como tríade constituída por Espírito, Alma e Corpo. Shiva corresponde ao Pai e, analogicamente ao Espírito, Vishnu ao Filho e à Alma e Brahma ao Espírito Santo ou ao Corpo. Estes três aspectos da Divindade que "individualizam" o Deus Único, através dos quais o Incognoscível se volve manifesto, integram, por sua vez, as energias primevas relacionadas com a "Triguna", ou seja, as gunas Sattwa, Rajas e Tamas, as modalidades básicas que animam Prakriti, a matéria primordial, a partir da qual tudo se forma.

Em termos físicos, a energia emanada por Shiva é Sattwa, energia positiva que manifesta a pureza, a luz, o ritmo e a harmonia. Vishnu expressa a energia Rajas, uma vibração equilibrante da vida. Quanto a Brahma, irradia a energia tamásica, que se identifica com o princípio da inércia. Shiva é o aspecto activo, centrífugo, expansivo e ascendente, por relação a Vishnu, princípio intermediário e conservador, e Brahma, o transformador, de tendência passivo, descendente e centrípeto. Em termos do fogo ígneo, interno, que anima todas as coisas, a essência trina da divindade expressa-se como: Fogo Eléctrico, primeiro aspecto, positivo, que corresponde a Shiva; Fogo Solar, segundo aspecto, positivo-negativo, inerente a Vishnu; Fogo por Fricção, o terceiro aspecto, de sinal negativo, atribuído a Brahma.

Se observarmos o mistério da Trimurti por outro ângulo, consideraremos que Shiva representa a consciência Espiritual, Cósmica, Átmica, e dele emana o 1º Raio, conhecido como o raio da vontade e do poder; Vishnu, como Alma Cósmica, vibra em Buddi, cuja característica é o Amor Universal e dimana da Segunda Pessoa como 2º Raio, o raio de síntese característico do nosso planeta, que se projecta directamente de Surya, o Sol do nosso sistema. Daí que o aspecto Vishnu da divindade assuma a importância particular que revestirá neste trabalho. Brahma, como terceira Pessoa da Trindade suprema, encarna o 3º raio de aspecto, o da Inteligência Activa, a energia da Mãe ou do Espírito Santo.

FORMAS DE AVATARIZAÇÃO

Segundo os ensinamentos da Eubiose existem formas de avatarização múltiplas. Dão-se grandes e pequenas avatarizações. Acontecem avatares parciais e integrais, avatares momentâneos e aqueles cuja actividade se estende por ciclos bem determinados, tais como ciclos zodiacais, rondas e manvantaras. Os Avatares diferem, pois, em termos de temporalidade, função, natureza qualitativa e dimensão. Ciclicamente, expressando o propósito do plano logóico, vêm Avatares ao mundo que encarnam todos os princípios da Trindade Suprema, do Poder, do Amor-Sabedoria e da Actividade Inteligente, isto é, as qualidades ou energias dos três raios principais de aspecto do raio único ou sintético que irradia do Sol para a Terra. Estes avatares reflectem os três atributos da Divindade como se fossem um espelho puríssimo e límpido. Constituem os Avatares Integrais.

São várias as modalidades de descida da Essência de uma entidade superior ao mundo dos homens. A entidade divina pode escolher para sua avatarização o corpo de um recém-nascido, pode preferir a criação de um corpo próprio, criado através do seu poder de Kriya-Shakti, corpo mayáxico, ilusório, a fim de realizar sua missão divina conjunturalmente. O mais usual, no entanto, é a entidade espiritual que pretende manifestar-se utilizar o corpo de um Discípulo ou Adepto já incarnado, por insuflamento da sua Consciência. Como é evidente, este tipo de incarnação implica uma empatia profunda entre ambas as entidades. Um exemplo bem conhecido deste tipo de avatarização é o de Cristo que, há dois mil anos, se manifestou em Jesus, nos momentos mais significativos do seu ministério.

Não deve confundir-se um Avatara com um ser que, uma vez liberado da Roda de Samshara (da obrigação de renascer), decide, por um acto sacrificial e de Amor, executar uma função espiritual na terra. São dois os tipos de renascimento livre e voluntário: por incarnação divina dos Avatares ou pelo nascimento dos Adeptos que, tendo já assimilado todas as experiências humanas possíveis, renunciam ao estado de beatitude do nirvana e abdicam dos vários caminhos que se lhes deparam no prosseguimento da sua evolução, em favor da hierarquia Jiva (a dos humanos).

BODHISATTVAS E JIVAMUKTAS

A doutrina dos Avatares ou dos Mensageiros Divinos, associa-se, normalmente, à ideia de uma Ordem Espiritual estabelecida hierarquicamente como os Senhores da Compaixão. Trata-se da Hierarquia Branca, conhecida entre os eubiotas como a dos Banthe-Yauls, que surgiu ainda na época lemuriana, há cerca de dezoito milhões de anos, quando o Logos Planetário tomou a decisão de incarnar-se fisicamente (conquanto num corpo glorioso, flogístico) em Sanat-Kumara, o Divino Ancião das Idades, o Jovem das Dezasseis Primaveras, um dos Senhores de Vénus ou Kumaras. É desta Confraria Espiritual, que inclui todos os iniciados, que vêm ao mundo os Salvadores, os Avatares. Sanat é o Senhor da

Compaixão, por excelência, todavia não devemos confundi-Lo com um Bodhisattva ou um Jivamukta. Como hipóstase do Logos Planetário Ele manifesta-se por intermédio de um esquema planetário, do mesmo modo que um ser humano se exterioriza num corpo físico.

Sabemos que são cinco as iniciações maiores que conduzem o homem pelo sendeiro íngreme das expansões de consciência até à consumação do discípulo como Mestre de Sabedoria e Ser liberto. Durante estes estados de iluminação o Adepto não só assimila todas as experiências como transcende os limites da consciência hominal. A Tradição afirma que, uma vez alcançada a quinta iniciação planetária, abrem-se ao Adepto sete vias de progresso cósmico, susceptíveis de conduzirem o Iluminado a crescentes expansões de consciência e sabedoria, impossíveis de imaginar por nós. Entre estes sete caminhos, só um permanece ligado intimamente à trilha da evolução humana. Conhecida como a "Via do Serviço Terreno", Aqueles que o elegem renunciam ao nirvana e permanecem ligados aos projectos de emancipação dos destinos humanos, continuando a manifestar-se no mundo físico, movidos pela sua infinita compaixão e amor ilimitado para com a hierarquia humana. São os excelsos Bodhisattvas, os Senhores do grande sacrifício ou da compaixão.

Existe uma considerável diferença entre os conceitos de Avatara e Bodhisattva. Um Avatara surge com os atributos da perfeição divina, encarna um dos princípios da Trindade Divina. O Avatara desce ao mundo dos homens. O Bodhisattva manifesta-se entre o género humano como Jivamukta, o que renunciou ao nirvana. Por isso, a Sabedoria das Idades afirma que "o Avatara é" e o Jivamukta, o que alcançou a libertação por mérito próprio, "o Jivamukta faz-se". Neste sentido, compreendamos: Maitreya, alcançou o estado espiritual de Buda como Jivamukta. Como encarnação ou hipóstase de Vishnu, será um Avatara. Como Avatara não possui nem passado nem futuro, nem está sujeito a qualquer espécie de pendência cármica.

A fim de evitar possíveis confusões, convém sublinhar, desde já, que o conceito de Bodhisattva pode ter dois sentidos: o que acaba de ser exposto e o estritamente técnico. Nesta última conotação, Bodhisattva é, literalmente, "Aquele cuja consciência se tornou Inteligência ou Buddi". E isto significa que o Iniciado atingiu a sétima iniciação, ou seja, duas iniciações além das cinco planetárias, e carece apenas de uma só encarnação para realizar o nível de Buda Perfeito. Neste sentido diremos, por exemplo, que Cristo, ao inaugurar o ciclo de Peixes, faz dois mil anos, apareceu como Bodhisattva. Agora regressará, tal como anunciou, mas na sua condição excelsa de Buda.

O AVATARA DO OCIDENTE

A crença na vinda de um Messias no dealbar do ciclo de Aquário é inerente a todas as tradições. Os cristãos aguardam o regresso de Cristo; os Persas anunciam o seu Saoschyant, o último herói salvador; os drusos a Hansa; os mongóis a Chenrazi; os tibetanos a Maitreya, assim como todos os Budistas; os hindus vaticinam o Kalki-Avatara. Os muçulmanos esperam o seu

Iman Mahdi. Com efeito, o aparecimento de Mahdi prevalece entre os místicos sufis, na "umma" islâmica, como a culminação da linhagem dos seus Imans. Um dos "hadizes" de Ibn Majah ⁽¹⁾ afirma que "o Mahdi e o Messias são uma e a mesma pessoa". O Islão ensina que Muntazar, o futuro Messias, virá abrir a era da divina justiça. Certas mitologias prevêem, também, os seus Salvadores, tais como a dos quechuas relativamente ao regresso do Irmão Branco, Viracocha, que virá inaugurar a Aurora Dourada na Terra, ou os nómadas de Oirates, quanto à vinda de um Buda, o "Burkhan Branco"...

O advento do novo Avatara, de "Aquele que vem", numa palavra, do retorno do Cristo é, segundo Djwal Kull (referência sempre obrigatória), a nota fundamental da expectativa planetária. Cada um de nós, consciente ou inconscientemente, cada homem ou mulher sensível, aguarda o Salvador anunciado, o Avatara do Ocidente, o Messias de Aquário. Sempre que a humanidade vive um período de tensão planetária, o Avatara surge entre os homens, como móbil poderoso de energia e de propósito, a fim de operar mutações e renovações a todos os níveis, para inaugurar novas civilizações, para produzir as pulsões necessárias às transformações mentais, psíquicas e somáticas da hierarquia hominal.

Os Avataras incarnam, pois, nos grandes momentos de crise mundial. Frequentemente, são Eles mesmos que concorrem para a fractura e derrogação daquilo que é velho, ultrapassado e constitui empecilho ao fluir natural do Plano do Logos. Aproveitando os períodos de instabilidade e de mutabilidade, aplanam as veredas e preparam as circunstâncias para que formas e meios melhor adaptados aos desígnios do plano se instaurem e manifestem em perpétua e contínua evolução. A análise conjuntural da nossa época conduz-nos à ilação de que vivemos tempos únicos e complexos e que, mercê do próprio metabolismo planetário atrás descrito, uma ocasião excepcional se oferece para o advento de um Avatara. Sempre que a humanidade se volva receptiva e preparada para receber mais luz, a Divindade se manifesta a Si Mesma, através dos seus Mensageiros. Quando a aspiração geral é suficientemente incisiva e dominante para alcançar o coração de Deus, Ele envia um novo Salvador, como diz o Mestre Tibetano:

"Logo que os tempos estão maduros e a evocação das massas se torna sincera e poderosa, aparece".

Relativamente à próxima Teofania, transcreve Blavatsky:

"Desde os Rishis indianos, até Virgílio, e de Zoroastro à última sibila, todos sem excepção, desde o começo da quinta raça-mãe profetizaram, cantaram e prometeram a volta cíclica da Virgem e o nascimento de uma criança divina que faria instaurar a Satya-Yuga, a Idade de Ouro sobre a Terra. Logo que as práticas da lei estiverem na ocasião precisa para finalizar o ciclo da Kali-Yuga (a idade negra em que vivemos) um Aspecto do Ser Divino, que existe em virtude da sua própria natureza espiritual, na Pessoa de Brahamã, e que é o Começo e o Fim, descerá sobre a Terra. Nascerá na família de Vishnu-Jasha, como um eminente Filho de Shamballah e Senhor dos oito poderes do Yogui. Pelo seu imenso poder, destruirá todos aqueles cujo mental está votado à

⁽¹⁾ in "Profecias del Islam", Ayatolá Hubsch

iniquidade. Então, a justiça se fará na Terra e os que viverem até ao fim da Kali-Yuga despertarão com o mental transparente e puro, como cristal”.

Num outro texto, cita ainda:

“É no fim que se espera o Avatara Kalki, cujo nome e características permanecem secretos. Virá de Shamballah, a cidade dos Deuses, que se acha a Oeste para estes povos, a Este para outros e, para alguns, a Norte ou a Sul”.

Buda Gautama, falando a seu discípulo Ananda, revelou-lhe a seguinte profecia:

“Não sou o primeiro Buda que veio à Terra nem serei o último. A seu tempo, outro Buda virá ao mundo, um Ser Excelso, um grande iluminado, dotado de grande sabedoria universal, um líder incomparável de homens, um líder de devas e mortais. Ele revelar-vos-á as mesmas verdades eternas que vos ensinei. Implantará as suas leis, glorioso na sua origem e apogeu, glorioso nos seus propósitos espirituais e nas palavras. Anunciará a verdadeira vida, totalmente perfeita e pura, tal como agora vos falo. Os seus discípulos serão muitos milhares, enquanto que os meus são apenas centenas.”

Ananda disse: “Como O conheceremos?”

O Bem-Aventurado respondeu: “Será conhecido como Maitreya, o Senhor da Compaixão e o Mestre do Mundo.”⁽²⁾

No Bhagavad Gitã, diz Krishna, o Espírito de Verdade, a seu discípulo Arjuna:

“Todas as vezes – ó filho de Bhárata! – que Dharma (a lei justa) declina e Adharma se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para o estabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga”.

Uma outra profecia, contida no Vishnu Purana, adianta:

“Assim, não deixará de se acentuar o declínio da Kali-Yuga, até que a raça humana se aproxime do seu aniquilamento. Quando o fim da Idade das Trevas estiver próximo, uma parte da essência divina (...) Kalki-Avatara, descerá sobre a Terra. Dotado das suas oito qualidades sobrenaturais, Ele estabelecerá a justiça no mundo (...) Quando o Sol, a Lua, Tishya e o planeta Júpiter estiverem juntos na mesma morada, voltará a Era de Krita (ou Satya)”.

A tradição escrita e oral do Tibete pode resumir-se nas seguintes palavras de Nicolas Roerich:

“Está previsto que Maitreya se manifestará depois das guerras. Mas a guerra final far-se-á pela verdadeira Doutrina. Todos os que se erguerem contra Shamballah serão batidos em todas as acções e as vagas dispersarão as suas moradas”.

⁽²⁾ in “Agartha”, de Robert Dickoff

O comentário de Roerich corresponde, aliás, ao que, em “Diálogos do Templo” foi revelado por um lama erudito a Andrew Thomas, nesse isolado mosteiro dos Himalaias, dedicado ao culto da deusa Tara, a Branca:

“O mundo obstina-se a correr para o desastre. A humanidade não pode salvar a Terra, a não ser por uma regeneração espiritual. Maitreya mostrará o caminho, mas a própria humanidade é que deve escolher e seguir pelo caminho. O novo Buda virá no último quarto do século XX. A humanidade deve preparar-se para a vinda dos Arahats e do próprio Maitreya, neste período crucial da história do mundo”.

Se investigarmos as tradições ocidentais, encontraremos igual profusão de vaticínios para o “final dos tempos”. Os Mayas, por exemplo, previam a vinda de um Deus protector “que prometeu voltar do céu”, logo que o seu calendário estivesse chegando ao seu termo. Segundo eles, um pouco antes e um pouco depois, esse bondoso Deus estaria com o seu povo, para o orientar quando se desencadear a catástrofe aguardada no seu magno ciclo. Ora, o calendário Maya teve início em 3113 A.C. e, na opinião de conspícuos especialistas (Hochleitua e Thompson) o calendário encerrar-se-ia entre 1997 e 2012.

Que conclusões escatológicas poderemos, então, extrair da análise dos textos citados?

1º Que a vinda do Avatara é paradigmática e extensiva a todas as tradições.

2º Que o advento do Avatara far-se-á neste final da Kali-Yuga.

3º Que o Avatara virá do céu ou de Shamballah.

LINHAGEM DO AVATARA DE VISHNU

Fizemos, atrás, uma citação do Kalki-Purana, que afirma:

“...logo que as práticas da lei estiverem na ocasião própria, um Aspecto do Ser Divino, que existe, em virtude da sua própria natureza espiritual, na *Pessoa de Brahmã* e que é o Começo e o Fim, descera sobre a Terra. *Nascerá na família de Vishnujasha...*”⁽³⁾

O que pretendemos acentuar no texto é que o Avatara de Aquário surge, como aspecto do Ser Divino, da “Pessoa de Brahmã” e nascerá numa certa família ou linhagem, Vishnujasha. Em primeiro lugar, como aspecto do Ser Divino, da “Pessoa de Brahmã”, significa que o Avatara incarnará um dos princípios do Logos Único ou Deus Uno, Brahmã. Em segundo lugar, nascendo na família de “Vishnujasha”, indicia-se que a avatarização será da Segunda Pessoa de Brahmã, Vishnu. Os ensinamentos esotéricos afirmam que se verificam avatarizações dos três aspectos da Trimurti, que ciclicamente se manifestam Avatares de Shiva, Vishnu e Brahma (não Brahmã).

⁽³⁾ Os itálicos são nossos



Segundo os brahmanes, a próxima teofania corresponderá à décima avatização de Vishnu, altura em que “os céus serão fechados e Vishnu, o Avatara Cavalo Branco surgirá”, como cita Blavatsky, “sentado num corcel de pura brancura, brandindo uma espada flamígera, como um cometa, para a destruição final dos maus e renovação da criação e restauração da pureza”. Nicolas Roerich descreve, no seu livro “Shamballa”, a sucessão dos dez avatares de Vishnu anunciados até ao fim desta kali-Yuga:

“Dos dez Avatares de Vishnu, o mais antigo é o avatara Dagon, o homem peixe que salvou os antepassados da raça terrestre, o Manu. Veio depois a Tartaruga, o pilar do céu; depois, seguiu-se Boar; em seguida, o inconquistável Narasimha, o homem-leão. O quinto avatara foi Vamana; o sexto, Brahaman; o sétimo apareceu como Rama, o poderoso rei da Índia, de que nos fala Ramayana. O oitavo Avatara foi Krishna, o “pastor” sagrado, cujo ensinamento se glorificou no universal Bhagavad-Gita. O nono Avatara foi o bem-aventurado Buda, o grande Avatara anunciado por Vishnu como o triunfo da sabedoria e a destruição dos demónios pelo seu próprio karma. O décimo Avatara de Vishnu é Maitreya, o grande Cavaleiro salvador da humanidade, o Kalki ou Cavalo, cavalgando o seu próprio Cavalo Branco. Resplandecente, com a espada triunfante na mão, restabelecerá a lei pura da virtude e da sábia justiça na Terra”.

Noutras fontes, as designações apresentam-se algo diferentes, mais quanto aos Nomes do que aos atributos. Enunciaremos a seguinte linhagem: Matsya, o peixe; Kurma, a tartaruga; Varaha, o javali; Narasimha, o homem-leão; Vamana, o anão; Parushu Rama; Rama Chandra (o herói do Ramayana, de Valmiki); Krishna (apelidado frequentemente, como o Cristo Oriental) e, finalmente, Kalki, o décimo Avatara de Vishnu.

Não confundamos, porém, a linhagem de Maitreya como Avatara com a linhagem sucessória dos Budas. Maitreya manifesta-se como o quinto Buda, dos sapta (sete) Tathâgatas (linha de Budas), após Gautama, que foi o quarto, segundo a doutrina budista. Temos, assim, por ordem de manifestação: Krakucchandra, Kanakamuni, Kasyapa e Sakyamuni.

A MANIFESTAÇÃO TRIÁDICA DO AVATARA

A TRIPLA CONSTITUIÇÃO DO BUDA MAITREYA

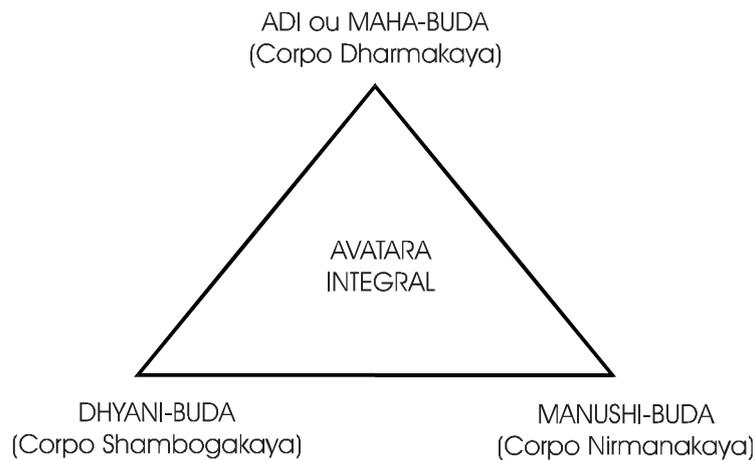
O aparecimento de um grande Avatara, como o de Vishnu, um Avatara Integral, Perfeito, constitui um sucesso da mais significativa transcendentalidade. Como ocorrência extremamente complexa na fenomenologia planetária e, até, sistêmica, estaremos sempre, em termos de dilucidação, restritos à manifesta impossibilidade humana de compreendê-la em todas as vertentes. Um Avatara Integral, como transferência hipostática de uma das Pessoas de Brahmã, o Logos Único, incarna sempre provido dos três aspectos ou tripla expressão da Divindade, o que corresponde à teoria vedantina da "Triakaya".

Triakaya, significa literalmente "três corpos", "três formas". Este termo é composto pela raiz "tri", relativo a "três", e "kaya", que designa "corpo", donde o conceito de Triakaya corresponder a três corpos ou vestes de um Maha-Buda. São as três vestiduras de glória de que se revestem os Budas, ditos Manushi, os Budas que se exteriorizam em estado humano: os corpos Dharmakaya, Shambhogakaya e Nirmanakaya. Este, o mais denso dos corpos búdicos, é o corpo da aparência, o corpo físico, visível, manifestado na Terra. O corpo Shambhogakaya é o corpo que personifica a absoluta perfeição, a bem-aventurança. A veste Dharmakaya constitui a primeira, a mais elevada e sublime forma dos Budas, e pode denominar-se como a vestidura de beatitude ou êxtase, nirvânica.

A filosofia budista postula três aspectos, bem expressivos, que convém reter: os três níveis hipostasiados ou conscienciais da Triakaya. Segundo esta filosofia, teremos em consideração a existência de um Adi-Buda (o Buda primeiro ou superior), o Dhyani-Buda (o Buda intermédio) e o Manushi-Buda (o Buda ífero). Naturalmente, existe uma conotação, uma correspondência íntima entre os níveis búdicos e os três corpos ou formas referidas acima. O Eterno, para se representar integralmente através de um dos seus vértices ou atributos, a fim de agir simultaneamente nos três mundos ou planos de consciência do físico cósmico, "necessita" dos três veículos de manifestação: da "Ave de Hansa" (Dharmakaya), da "Pomba do Espírito Santo" (Shambhogakaya) e do "Pelicano" (o corpo Nirmanakaya),⁽⁴⁾ os corpos que integram os níveis Adi, Dhyani e Manushi, porque um Buda Integral, Perfeito, protagoniza estes três aspectos da divindade: de Shiva, de Vishnu e de Brahma, como síntese de manifestação. Vejamos o seguinte esquema da morfologia avatárica:

⁽⁴⁾ Michel Coquet

A TRIKAIA



A GEMINIDADE DO KALKI-AVATARA

Um dos mistérios que sempre têm envolvido a presença dos Avatares de Vishnu é a sua compleição dual. A Tradição interna, a do Kalachakra ou doutrina dos Bodhisattvas, alude a este mistério da dualidade avatárica.⁽⁵⁾ O mundo immortalizou o Buda Gautama, mas os ensinamentos secretos reconhecem, também, a seu irmão gêmeo, o Budai. Alguns milénios antes de Buda-Budai incarnou entre os homens o Avatara de Vishnu conhecido como Krishna, o divino, mas quem saberá que um dos aspectos da sua avatarização incluiu o seu irmão-gêmeo Krishnaya? Cristo, há dois mil anos, não foi Ele mesmo e Jesus, seu irmão-gêmeo, conhecido esotericamente como Crivatza, embora a tradição cristã ignore tudo isto ou o tenha omitido? Sim, Buda e Budai, Krishna e Krishnaya, Cristo e Crivatza...

Compreendemos, então, que as incongruências escriturísticas das diferentes fontes, tantas vezes questionadas pelos doutos exegetas, são apenas aparentes. No imaginário hindu o Avatara Kalki é vulgarmente representado por um Cavaleiro Armado, montando um Cavalo Branco e brandindo um sabre arqueado, como a cauda de um cometa. O corcel é figurado com a pata direita, dianteira, levantada. A versão hindu indica que, quando a pata pousar, quando calcar o solo, a Terra tremerá e todos os humanos pervertidos serão arremessados para o nada e o mal será destruído. Nosso Mestre também ensinou que esse glorioso Ser, presente nos textos milenares, é denominado o Cavaleiro Akdorge, "o qual esmagará o dragão do mal".

⁽⁵⁾ Além do Kalachakra, só encontramos, e para nossa surpresa, menção a este arcano na doutrina islâmica. Ghayat-ul-Maqsud declara abertamente: "O Mahdi será gêmeo"

Para além do Cavaleiro Akdorge ser personificado na iconografia cristã pelo conhecido S. Jorge, só com certo constrangimento esta figura de lidador, vencedor de dragões, se adequará ao conceito que o inconsciente colectivo assimila a Cristo, o "Homem das Dores" que, há dois mil anos, pregava o Amor, a Compaixão e o perdão entre os homens, Aquele que proclamava: "Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas". Esta imagem mal se coaduna com a de um cavaleiro triunfante, todo-poderoso, irresistível, que venha a assumir, tal como as profecias milenaristas divulgam, um papel tão eminentemente activo e acutilante, qual seja o de pelejar, a fio de espada, contra os exércitos apocalípticos dos fins da Kali-Yuga.

O Apocalipse de S. João Evangelista, epítome das profundas mutações vaticinadas para a extinção dos Tempos, menciona uma guerra, conhecida como a de Armagedon, onde o número de combatentes será como as areias do mar. Consigna-se, aí, que os reis da Terra reunidos pelejarão contra Aquele que está montado no Cavalo Branco e os exércitos celestiais, os quais, saídos do Eufrates, se unirão a Ele para combater as forças do mal, perecendo a terça parte dos homens.

Também o Ezequiel dos textos bíblicos é bastante explícito na sua predição: os reis da Terra vão coligar-se com as forças negativas, os exércitos de Gog e Magog, mas serão totalmente aniquilados pelas forças luminosas Do que está montado no Cavalo Branco com os exércitos celestiais. E Esdras transmite igualmente: quando se levantar gente contra gente, reino contra reino, então revelar-se-á meu Filho. Virá cercado de fogo e armado da espada de dois gumes – o da justiça e da vingança. Conquanto um pouco longa, vale a pena transcrever na íntegra a pouco divulgada e impressionante profecia proferida no século passado no velho mosteiro de Narabanchi pelo Rei do Mundo, colhida e transcrita por Ossendowski:

"Os homens esquecerão cada vez mais suas almas e se preocuparão com os seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a Terra. Os homens nivelarão com os animais ferozes, sedentos do sangue dos seus irmãos. O "crescente" desaparecerá e seus adeptos cairão na mendicidade e na guerra sem tréguas. Seus opressores sairão vitoriosos, mas não duas vezes; há-de acontecer-lhes a maior das desgraças, que terminará por insultos aos olhos dos outros povos. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Haverá uma guerra terrível entre os povos. Rugirão os oceanos... e a Terra e o fundo dos mares ficarão cobertos de cadáveres... reinos serão retalhados, povos inteiros morrerão... a fome, a doença, crimes de que não cogitam as leis, que jamais o mundo viu...

Virão, então, os inimigos de Deus e do espírito divino que existe no homem. Os que agarrarem a mão de um outro, perecerão também. Os esquecidos, os perseguidos se levantarão e chamarão a atenção do mundo inteiro... Haverá caligens e tempestades. Montanhas peladas se cobrirão de florestas. Tremerá a Terra... Milhões de homens trocarão as cadeias da escravidão e das humilhações pela fome, a doença, a morte.

As antigas veredas se cobrirão de multidões, indo de um lugar a outro. As maiores, as mais belas cidades serão destruídas pelo fogo... uma, duas, três... o pai se levantará contra o filho, o irmão contra o irmão, a mãe contra a filha. O vício, o crime, a destruição do corpo e da alma se encadearão. As famílias serão dispersadas. A fidelidade e o amor desaparecerão. De dez mil homens só um sobreviverá... ficará louco, nu, sem forças e não saberá construir uma casa, nem conseguir alimento... viverá como o lobo furioso, devorará cadáveres, morderá sua própria carne e desafiará Deus para o combate.

A Terra ficará vazia... Deus se desviará dela, sobre a qual se espalhará somente a noite, a morte. Então, Eu mandarei um povo, até agora desconhecido, que, com mão forte, arrancará as más ervas da loucura e do vício e comandará os que permanecerem fiéis ao espírito do homem na batalha contra o mal. Inaugurarão uma vida nova sobre a Terra purificada pela morte das nações.

No quinquagésimo ano, três reinos haverá que viverão felizes durante setenta anos. Em seguida, haverá dezoito anos de guerra e destruição. Então, os povos de Agartha sairão das suas cavernas e surgirão na superfície da Terra".

E já agora, enunciemos um "hadiz" transmitido por Bukzari, um muçulmano, que reforça, sob o ponto de vista corânico, a profecia anterior:

"O Santo profeta (Maomé) disse: o germe não se aproximará até que as duas grandes potências entrem em guerra, ainda que as intenções de ambos os lados sejam as mesmas. Além disso, haverá trinta Dajjals (anticristos), cada um afirmando ser o profeta. O saber desaparecerá. Os terremotos serão extraordinariamente frequentes. O tempo se contrairá. Propagar-se-ão terríveis desgraças. O assassinato será frequente. O bem-estar material estará tão disseminado que os ricos não encontrarão ninguém para dar esmola. Competir-se-á por construir os edifícios mais altos. Mas reinará tal infelicidade que, ao passar junto a um cemitério, se desejará estar morto e enterrado. O Sol sairá por Oeste e, ao ver tudo isto, os seres humanos sentir-se-ão inclinados a aceitar a verdade. Contudo, nessa altura, aceitar a verdade não lhes será de nenhum proveito, excepto àqueles que já haviam entrado a formar parte da comunidade dos crentes e que, como crentes, tenham realizado bons actos."

Vejamos: primeiro, haverá guerra e destruição, depois, os povos de Agartha (do Reino do Pai, dos mundos subterrâneos) sairão das suas cavernas para a superfície da Terra. Recordemos o texto referido por Blavatsky: "é no fim que se espera o Avatara... virá de Shamballah..."(Shamballah, morada do Rei do Mundo). Citemos, ainda as palavras de Roerich: "Está previsto que Maitreya se manifestará depois das guerras..."

Cristo, nas suas práticas aos apóstolos, comentava os sinais anunciadores e o começo das grandes dores, do seguinte modo: "...tribulações como nunca houve ou haverá, que se realizarão, mas anteriores à sua vinda, e que muitos tomarão por sinais dela".

A predição do Kalki-Purana, já referida, concorda com as precedentes profecias: "Logo que as práticas da Lei estiverem na ocasião precisa do termo do ciclo Kali-Yuga, um aspecto do Ser Divino, da família de Vishnujasha, descerá sobre a Terra... É no fim que se espera o Avatara... virá de Shamballah...".

Comparados os textos, logo se evidenciam exegeticamente, de forma clara, algumas aparentes contradições. Algumas vezes, o Salvador anunciado intervirá antes dos fins dos tempos, outras, se anuncia o seu advento após a Kali-Yuga. Um dos Seres, simbolizado pelo Cavaleiro cuja montada se descreve como um Cavalo Branco, denominado pela Tradição como Cavaleiro Akdorge, virá nos tempos que *precedem o fim*⁽⁶⁾; o Outro Ser, que tem como símbolo a ferradura, cujo cognome é o próprio cavalo (Kalki = cavalo), revelar-se-á ao mundo após o *Sinal dos Tempos*, das tribulações. Um d'Ele chegará no tempo da "abominação e da desolação" armado de espada, duma espada de dois gumes – o da justiça e o da vingança – para julgar a carne, O qual, juntamente com os exércitos celestiais (compreenda-se, os de Agartha) arrancará com mão forte as ervas da loucura; o Outro, logo que a lei seja repostada, após as guerras, virá para restabelecer a justiça, a equidade, pois dispõe dos oito poderes do Yogui e sua guerra será a da Verdadeira Doutrina.

O mais singular, contudo, é que a própria análise textual nos permite deduzir que o segundo ser, o Kalki-Avatara, movido pelo seu espírito misericordioso e compassivo, haverá de aliviar esses "tempos de tribulação" desencadeados pelo Primeiro, o Cavaleiro Akdorge. Se recorrermos aos textos escriturísticos, deparamos com diversas passagens em que Cristo revela aos seus apóstolos que "se não se abreviassem aqueles dias, não ficaria salva pessoa alguma e que (...) em atenção aos escolhidos, abreviar-se-ão esses dias". Leia-se, por exemplo, no evangelho de S. Marcos o seguinte: "porque naqueles dias haverá tribulações tais que não houve desde o princípio das criaturas que Deus fez e, se o Senhor não houvera abreviado aqueles dias, não se salvaria nenhuma carne (...) mas, por amor dos eleitos que escolheu, abreviou os dias". E a confirmar tudo o que foi dito, recordamos a 7ª trombeta e o sétimo cálice no Apocalipse, nas palavras de S. João: "Tragadas as fezes deste último cálice, o Senhor compadece-se do resto da humanidade sobrevivente (...) abrevia essas tribulações em atenção aos justos e estabelece, então, a paz universal e a felicidade paradisíaca por séculos de séculos ("per milia anos").

Por contraditório que pareça, existe, de facto, um profundo encadeamento lógico, uma cuidada concatenação nas escrituras legadas à posteridade, que se traduzem na intenção deliberada de que só quem disponha das chaves iniciáticas possa abrir as cerraduras. Cristo, nas suas práticas aos apóstolos, comentava os sinais anunciadores e o começo das grandes dores, do seguinte modo: "...tribulações como nunca houve ou haverá, que se realizarão, *mas anteriores à sua vinda*,⁽⁷⁾ e que muitos tomarão por sinais dela". A predição do Kalki-Purana, já referida, concorda com as precedentes profecias: "Logo que as práticas da Lei estiverem na ocasião precisa do *termo do ciclo Kali-Yuga*,

⁽⁶⁾ Os itálicos são nossos

⁽⁷⁾ Os itálicos são nossos

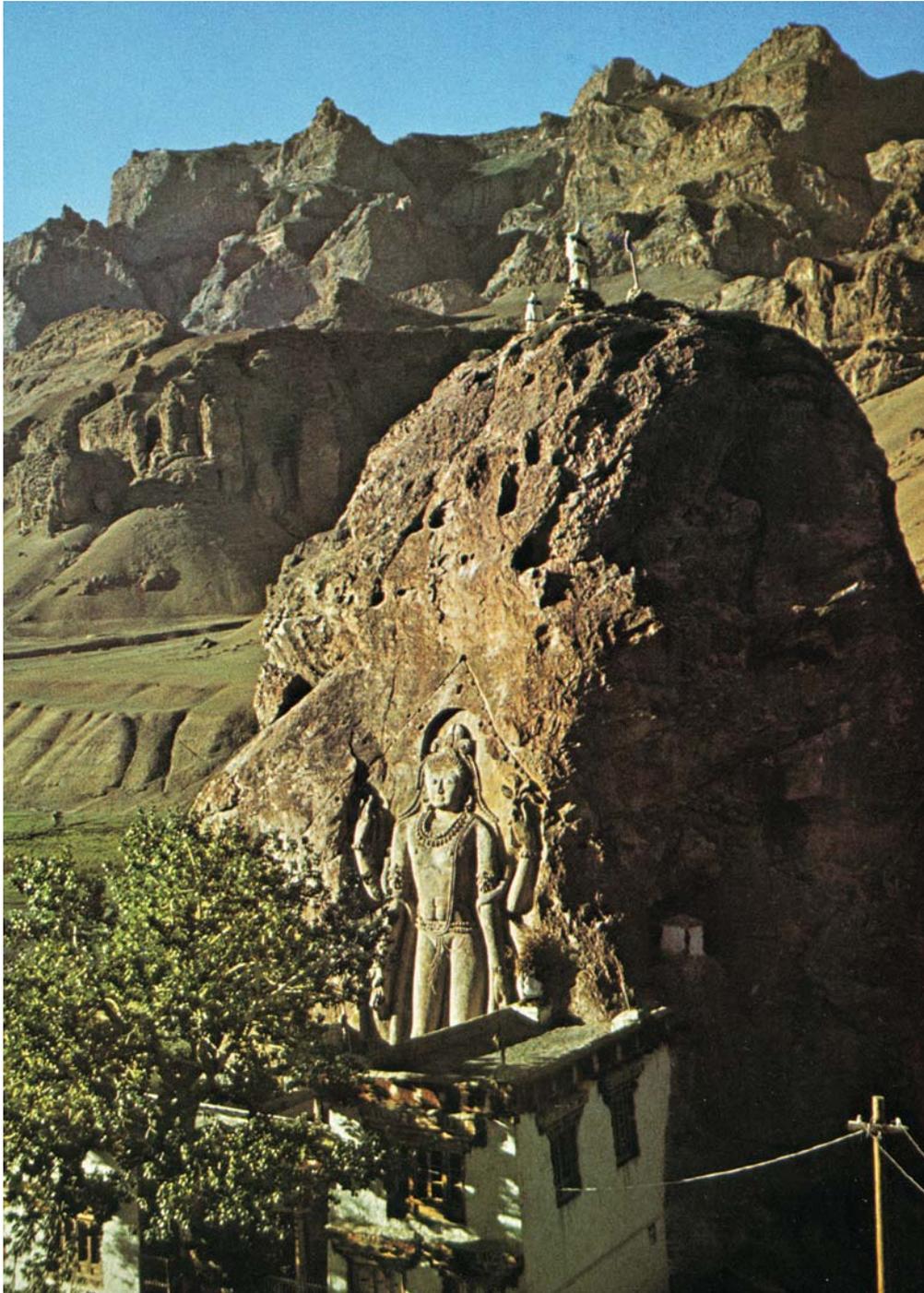
um aspecto do Ser Divino, da família de Vishnujasha, descerá sobre a Terra...". Um sura do Alcorão (84, 2-7) afirma:

"Quando o céu estale em pedaços...
quando a terra se estender e arroje
tudo o que existe nela, ficando vazia...
tu, oh homem que trabalhas com acerto
para comparecer ante teu senhor, com
trabalho duro, então O encontrarás".

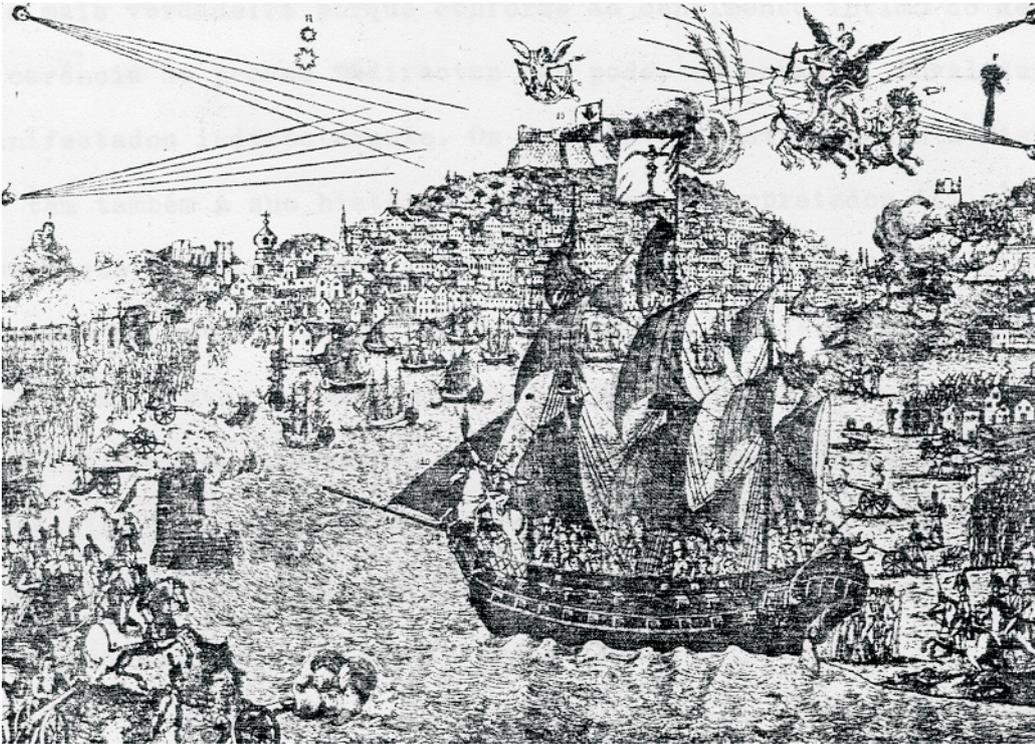
Nossa Escola ensina, e estamos cientes de que se expõe publicamente estes mistérios pela primeira vez, que o Cristo de Aquário, sendo Uno como Avatara e Trino em essência, é Dual em seu protagonismo e expressa-se como dualidade em dois Seres Gémeos, Apavanadeva e Mitradeva. Apavanadeva significa Deva aquático, numa clara alusão ao Buda do ciclo zodiacal de Aquário, ou seja, o Buda branco do Ocidente, o Senhor Maitreya. Seu irmão, Mitradeva, é frequentemente evocado na Tradição como o Cavaleiro Akdorge, representado no seu corcel branco e vencendo o dragão maligno. Hipostaticamente, Maitreya, o Apavanadeva, encarna o princípio Buda Celeste, enquanto que, ao Cavaleiro das Idades, Akdorge, está reservado o papel de Buda Terrestre. O Buda Celeste representa o Logos em seu aspecto de Vishnu; o Buda Terreno personifica a Vishnu, mas no sub-aspecto de Shiva. A conjugação destas duas faces do fenómeno avatárico germinará num terceiro sub-aspecto de Vishnu, o de Brahma, um Buda Humano ou Manushi, como arquétipo dos Jivas que, na hierarquia humana, despertaram a chispa crística.

Em termos funcionais, o Buda Maitreya exercerá o munus Sacerdotal, o Messias que implantará o Reino do Espírito Santo, a nova Idade de Ouro na Terra. Akdorge, seu Irmão, brandirá a espada de dois gumes, como Buda Temporal, esmagando o dragão, justiceiro e vingador. Um dos Budas, o Celeste, representará a Autoridade; o Buda Terreno exercerá o Poder. O Cavaleiro das Idades, Akdorge, surgirá no mundo profano ainda antes de seu excelso Irmão, Maitreya, a fim de aplanar as veredas, travando a grande batalha contra as forças alegorizadas por Gog e Magog, os assurins do mal. Após a consumação dos Tempos e a destruição do ciclo das Trevas, reinará Cristo em toda a sua glória, na Paz e Tranquilidade da Satya-Yuga. Para melhor elucidarmos o que se tem vindo a comentar, veja-se o esquema a seguir:





Maitreya em sanscrito, Dschampa em tibetano, Metteya em pali, escavado na rocha na região de Ladakh, em Mulbekh, junto à estrada de Srinagar a Leh, a rota de Kashemira



Chegada do Encoberto a Lisboa, montado num cavalo branco, versão portuguesa da vinda do Cristo

O simbolismo esotérico configura o cavalo como um dos arquétipos fundamentais da humanidade. Quando o cavalo é branco, assume uma função sagrada. O Cavalo, como outros animais (o leão, por ex.) que apresentam cabeleira, é considerado pela tradição um animal solar, uraniano, símbolo de majestade.

A kabbala hebraica, segundo Jacques Duchaussoi em "Le Bestiaire Divin", escreve a palavra "cavalo" com as letras Lamed, Vau e Shin, as quais representam, respectivamente:



Lamed, o movimento ascendente, o sacrifício; Vau, o vínculo que liga à letra seguinte, que é Shin, o fogo, a luz criadora, o deus manifestado da criação. Vau, como elemento central da palavra está afecto à sétima Thiferet, que representa Cristo, Apolo, enfim, o Sol ou os deuses solares. O Cavalo alado caracteriza, pois, a montada dos heróis e dos deuses do ar ou do vento, tal como Vâyü, a divindade do vento. A Maitreya, o Cristo, no seu aspecto búdico da linhagem do 5º Dhyani-Buda Amoghasiddhi, são atribuídos o elemento Ar (vento), a cor Verde e a direcção Norte. Algumas tradições e mitos, entre as quais a do próprio imaginário lusitano, vaticinam que o Cavaleiro das Idades, o "Encoberto", virá do Norte...

Na simbologia cristã surge montado por Aquele que é designado pelo evangelista João como o "fiel e verdadeiro", ou seja, Cristo:

"E vi o céu aberto e eis um cavalo branco.

E o que estava assentado sobre Ele chama-se fiel e verdadeiro e julga e peleja com justiça... E seguiam-no os exércitos do céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma espada para ferir com ela as nações... E o seu nome chama-se A Palavra de Deus."

("Apocalipse", cap. XIX vers. 11, 13 e 15)

Ora o próprio texto bíblico revela que é na sua função guerreira, de Mitradeva, que Cristo surgirá para julgar e pelejar em justiça.



ARCANO DO BUDA HUMANO

O Buda Gautama revela a seu discípulo amado, Ananda, que os discípulos do futuro Buda se contariam por milhares. Esta previsão insinua um dos mistérios fundadores do advento de Maitreya como Avatara Integral. Falámos de geminidade do Buda de Aquário e da sua constituição dualística. Comentámos a sua natureza morfológica ternária e respectivos corpos de consciência. Dissemos, também, que em sua configuração dual, Apavanadeva personalizará o Buda Celeste e Mitradeva o Buda Terreno. Temos insistido, ainda, na amplitude supereminente da hierofania do Buda de Aquário como um Avatara perfeito, Integral, detentor dos oito poderes do Yogui, tal como o consigna a Tradição. Ora, se Maitreya incarna o aspecto de Vishnu, propriamente dito, e Akdorge o sub-aspecto de Shiva em Vishnu, seguramente, a coerência interna do processo avatárico de plena investidura do Buda de Aquário supõe, por lógica, a exteriorização do sub-aspecto de Brahma, como terceiro vértice da Triade. Como afirmámos, os Avatares, quando integrais, manifestam-se simultaneamente nos três planos de consciência: no plano físico, em forma humana, como Manushis, no plano supra-sensível como Bodhisattvas, e a nível espiritual como Dhyani-Budas. A síntese das três Essências Búdicas dá-se em Adi-Buda, o Eterno Incondicionado, Aquele que transcende o espaço e o tempo.



Representação oriental de Maitreya.

De notar que o Buda está sentado à ocidental

De há muito que os Arcontes Planetários apelaram à mobilização dos Mestres, dos Adeptos e dos discípulos, na sua qualidade de servidores mundiais, para que fosse construída uma egrégora substantivamente forte, coesa e harmoniosa, por forma a que se visualizasse o Arquétipo do Cristo Grupal, um Padrão Humano, como sub-aspecto de Brahma no Theotrim ou Tríplice expressão de Vishnu em Seu Avatara. Um significativo número de consciências humanas, vivenciando a chispa crística no seu coração e actuando de conformidade, quer nos planos materiais, quer a níveis subtis, puderam ultrapassar a ilusão da forma e penetrar nos estratos arrúpicos e abstractos da Vida, erradicando de si os resquícios da separatividade, dissolvendo os miasmas do egoísmo e do individualismo. Aglutinados em torno de Maitreya e dos Mestres da Hierarquia, através da irradiação das suas mentes sabiamente orientadas, têm vindo a congregar mais e mais discípulos, atraídos pela empatia natural das suas afinidades electivas, em círculos concêntricos cada vez mais amplos e magnéticos.

São estes os verdadeiros Servidores, que se têm oferecido em holocausto, como precursores da Fraternidade planetária, promovendo por todos os meios ao seu alcance os valores humanos e atributos eugénicos da Verdade, do Bem e do Belo, consentâneos com os princípios axiológicos universais, os quais, mercê dos postulados do isomorfismo e da coalescência da lei se irão expandindo progressivamente aos homens e mulheres de Boa-Vontade, para que se firme na Terra a igualdade das raças e das nações e cada Ser desvele o Cristo em Si mesmo. Eis porque o nosso Mestre El Rike insistia frequentemente: "Deuses sois e disso vos esquecestes" e Max Heindel escreveu, "Unicamente quando o Cristo se tenha formado dentro se poderá percebê-lo fora", ou, como diria S. Paulo, o Iniciado, "Quando Cristo... se manifestar, então, também vos manifestareis com Ele em Glória", versículo que traduz com subtil transparência, agora, o mistério do Arcano do Cristo Humano. Por isso, o discípulo que libertou o Cristo "crucificado" no madeiro da sua própria ignorância no Cristo ressurecto, vivo, no Altar e no Templo do seu coração, apressa a Vinda e a Radiância do Avatara em toda a Sua Glória.

A Parusia, a Presença do Cristo como próximo advento, suscita, assim, uma resposta pessoal de cada ser sensível, capaz de compreender a magnitude do sacrifício amoroso do Avatara. Porque cada mulher ou homem de Boa-Vontade, cada aspirante, cada discípulo, contribui para a manifestação exaltante do Buda Manushi, já não somente como expressão Nirmanakaya, tal como em avatares anteriores, mas também como expoente de efusão e síntese de consciências humanas. É assim que, neste ciclo avatárico, o Buda Manushi nascerá da convergência das "mónadas", das unidades crísticas das individuações humanas, sintetizadas na manifestação ôntica do Nirmanakaya, Essa Consciência maior que as transcende como egrégora, infinitamente mais rica e omniabarcante. É do concurso grupal e da intencionalidade da hierarquia Jiva que se organizará a "matéria" necessária à exteriorização do Protótipo Humano, o Buda Manushi. Por isso, o Cristo Colectivo emite já a nota-chave, cuja ressonância induz à eclosão do Homem Universal, o novo Adão ou Kadmon, o "Homo-Spiritualis", como termo filogenético do homo-sapiens.

O labor anímico dos grupos activos no plano físico e em todos os países, a exteriorização progressiva dos Mestres de sabedoria como guarda-avançada de Maitreya, o concurso dos elevados Seres das Hostes trans e intraplanetárias, a materialização efectiva do aspecto de Brahma, em seu Corpo denso, asseguram-nos que o Messias se apresentará ao mundo de forma visível. Criadas as condições planetárias e cósmicas, edificada a poderosa egrégora colectiva e alcançada a massa crítica de rotura e de mutação, o antakarana estabelecido entre a humanidade espiritual e as Vidas Superiores garante a sobrevivência da humanidade e uma Nova Ordem. Porque se Shiva destrói as velhas formas corrompidas e caducas e liberta o fluxo das energias originais para que animem jovens e adequados instrumentos de evolução; se Vishnu faz emergir das trevas do egoísmo e da inércia da matéria obscura as consciências para a limpidez cristalina do princípio de Buddi, pela gradual vivência do Amor; Brahma, como Senhor das Criaturas, como demiurgo das formas visíveis, procede à união perfeita do Espírito com a Matéria, proporcionando os veículos condignos de manifestação, entre eles, o Corpo Sensível do Buda Humano.

O Mestre Tibetano confirma, de modo inequívoco, que Cristo “virá acompanhado d’Aqueles em que a Vida e as palavras evocarão um eco em todos os domínios do pensamento humano... Ele deverá tomar raiz e ocupar um lugar proeminente na cena mundial. Ele deverá tomar parte no grande drama que se desenrola aqui. Desta vez, realizará sua tarefa, não na sombra, como precedentemente, mas sob o olhar do mundo inteiro... Em razão da exiguidade do nosso planeta, da importância da rádio, da televisão e da rapidez das comunicações, Sua actividade será seguida por todos... Não virá como Deus Todo-Poderoso, criado pela imaginação do homem ignorante, antes como Cristo fundador do reino de Deus sobre a Terra...”

Sim, Ele, o Messias Prometido, virá como Cristo em Majestade, para governar a Terra como Monarca Universal, como Senhor dos Três Mundos.

PROCESSO SOTERIOLÓGICO DE TRANSIÇÃO

O regresso de Maitreya consubstancia, entre todos os eventos mundiais, o maior acontecimento dos nossos tempos de transição para uma Nova Ordem. A esperança da Sua Vinda constitui a tônica fundamental de expectativa para os corações anelantes. Graças à poderosa invocação dos discípulos e Mestres de sabedoria, hoje, no auge da sua intensidade, graças à impulsão e anseio deste fluxo evocatório, intencional ou meramente inconsciente, a ponte foi lançada sobre o abismo da Kali-Yuga, conjugando a silenciosa aspiração da humanidade com o Desígnio do Planetário da Ronda.

A encarnação de Vishnu está intimamente associada ao paradigma da “renovatio” universal. Em cada ano solar, em cada signo do zodíaco, em cada Grande Ano da roda zodiacal, em cada início de uma Satya-Yuga ou Idade de Ouro, o cenário cósmico se renova e transforma, numa sacralização que fecunda a Terra. Solidário e sincrónico com os ritmos de certos ciclos cósmicos da pulsação universal, sempre surge um Messias, Herói ou Salvador, portando consigo as energias proteicas e transmutadoras, sementes de esperança brotando do seu acto sacrificial de imensa compaixão.

O processo soteriológico deste final de milénio, de declínio da Idade das Trevas e de transição para uma Nova Era que restabelecerá uma outra Idade Dourada, repõe o mito da ascensão paradisíaca, da regeneração humana. No fundo do coração dos homens ressurgem a nostalgia do regresso ao paraíso perdido, de uma Nova Aliança que restabeleça a PAX e sele a Concórdia e a Harmonia entre o Criador, o Cosmocrator, e a sua criatura.

Com a vinda do Avatara Maitreya, com o novo Céu e a nova Terra prometidos, a hora da grande oportunidade conduzirá o novo Adão, o homem renascido das suas próprias cinzas, tal como a fénix alada, ao Éden, a Morada do Pai. A epifania de luz emanada poderosamente do Coração Flamejante do Avatara de Vishnu inundará com a sua chama ardente o coração de cada Adão reintegrado na ordem harmónica do plano logístico, o Adão despertado do sono da maya “com o mental transparente e puro como

o cristal". E se a Kali-Yuga pode bem assimilar-se à ideia de um caos ou noite primordial, Cristo iluminará com a essência ígnea de Aquário a obscuridade dessas trevas e restaurará o Novo Dia, com o Fiat Lux da Sua Vontade.

Djwal Kull resume o longo e complexo processo de preparação para o advento do Buda Maitreya em três principais etapas:

- O estágio Preliminar
- O momento de Decisão
- O período de Tensão

O estágio preliminar iniciou-se em 1875, logo que foi proclamada exotericamente e existência factual dos Mestres da Hierarquia, da Confraria Branca. A partir daí, muitos seres se orientaram para essa grande realidade, a das Consciências realizadas iniciaticamente e constituídas como o quinto reino espiritual. Estes Seres puderam, então, trabalhar arduamente na aproximação daqueles que possuem uma atitude justa e a compreensão devida para a visão dos acontecimentos que se desenrolariam no palco da existência humana. Mais ainda, tornou-se possível que as revelações e ensinamentos necessários fossem ministrados de forma a que a humanidade se prepare para o período das dramáticas conjunturas vaticinadas por todas as tradições.

1875, começo do último quarto do séc. XIX, é um marco fundamental para a percepção dos mistérios do metabolismo planetário, já que, à escala global, se iniciou a disseminação dos dados essenciais largamente difundidos aos discípulos mundiais e aspirantes, apoiados pelas escolas esotéricas e seus movimentos de grupo. Neste sentido, os Mestres e os discípulos investiram em várias frentes, entre elas os "media" mundiais, que têm vindo a publicitar conhecimentos e mistérios até agora jamais divulgados publicamente.

Em 1931 verificou-se um evento das mais profundas repercussões: a Luz da Sabedoria e o centro nevrálgico de irradiação planetária transladaram-se para o Ocidente. Trata-se do "Raio do grande Dia", segundo os Mestres, preanunciado como o "EX OCCIDENTE LUX" e contraponto ao "Ex Oriente Umbra", isto é, dando início à relativa penumbra ou pralaya do Oriente, augurando o Reino do Espírito Santo com a cabeça do dragão voltada a Oeste e a localização do novo pólo espiritual de irradiação nos Andes, no antigo Paítiti. Naturalmente, para que o núcleo da próxima civilização aquariana, a sexta sub-raça dos ários se instaurasse no Ocidente, toda a estrutura orgânica das hierarquias em actividade na Terra, todos os centros de emanção energética ligados aos vários raios disseminados pelo planeta foram sujeitos a profundas comoções e alterações previstas pelo plano lógico, a fim de que a balança do equilíbrio restaure os pesos e as medidas certas.

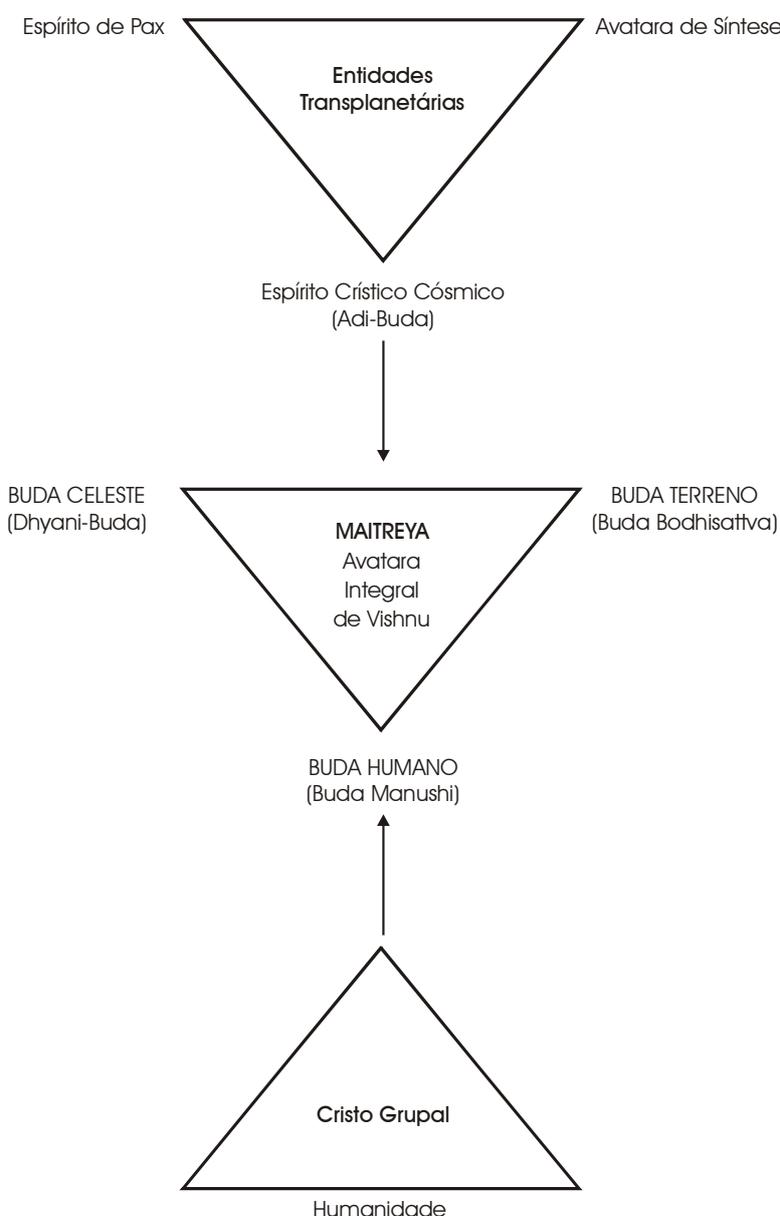
Entre a Lua Cheia de Junho de 1936 e o plenilúneo de Junho de 1945, o mundo atravessou um período muito particular, a que os meios hierárquicos chamarão o "Período de Decisão". Este período, um ciclo de crise para o Senhor Maitreya, cujo conteúdo e realidade nos escapam, durou precisamente nove anos, o que, em termos de acontecimentos planetários representa uma curta duração. Como resultado deste período de crise, Cristo tomou a decisão de reaparecer na Terra, em presença Visível,

logo que os caminhos estivessem preparados. A Este respeito Djwal Kull é peremptório: "Cristo reaparecerá em presença Física", o que, apenas confirma o teor das múltiplas profecias e o rigor lógico do complexo advento de um Avatara Integral.

Em 1945, no decorrer da Lua Cheia de Junho, Ele o anunciou à Assembleia da Hierarquia Espiritual e a todos os Servidores e Discípulos da Terra. Nesta data, tão significativa para a Sua própria experiência Individual, Maitreya assumiu com pleno assentimento Seus deveres e responsabilidades de Instrutor e Hierofante durante o ciclo Solar de Aquário, para com o Senhor do Mundo, Sanat Kumara ou, se quisermos, Melquizedeque, o Ancião dos Dias do Antigo Testamento, "Aquele em Quem temos a vida, o movimento e o ser"⁽⁸⁾. Naturalmente, a Sua Decisão foi tomada com o consenso dos Mestres de Sabedoria e dos Iniciados Superiores, pois todos estão unidos com Ele, em comunhão de pensamento, estreita colaboração e participação no plano.

Após o ponto culminante da chamada "crise espiritual" e do Período de Decisão que se lhe seguiu, sobreveio um "Período de Tensão". Tensão, aqui, significa, simbolicamente falando, um reservatório de energia. Efectivamente, a partir da sua histórica decisão, a energia qualificada e distintiva do reino de Deus, ou seja, de Shamballah, tem sido dispensada e orientada na prossecução do Plano dos Mestres da Hierarquia, a Igreja Invisível, os Cidadãos do Reino que dirigem os destinos da Terra, também Eles, de resto, submetidos a essa tensão espiritual, e de quem muito depende o sucesso do aparecimento do Buda excelso entre os homens.

A Decisão de Maitreya, em



⁽⁸⁾ S. Paulo

1945, a que se seguiu o Período de Tensão, não propiciou somente a dispensa de energias qualificadas de Shamballah, mas deu lugar a um influxo formidável de energias extra-planetárias, veiculadas pela aproximação de três Seres Cósmicos, da mais alta transcendência, em torno de Maitreya: o "Espírito de PAX", o "Avatara de Síntese" e a "Consciência ou Espírito Crístico". Conforme os ensinamentos do Mestre Tibetano, com a descida do Espírito de PAX sobre Cristo, Este agirá sob o fluxo da sua poderosa energia divina. O Espírito de PAX, entidade portadora de um poder cósmico imenso, manifestará a sua influência de duas maneiras: lentamente, até que o Messias reapareça entre os homens e, em pleno, quando surgir em presença visível na Terra. Graças à aproximação do Espírito de PAX, encarnação do Amor do Logos, agindo através de Maitreya, o ódio, o caos, a confusão reinantes neste "ciclo apodrecido e gasto", como diria o Mestre da Eubiose, tão prevaletentes na actualidade, serão banidos e substituídos por uma boa-vontade manifesta e tangível, pois o Espírito de PAX é, em sentido misterioso, o Espírito do Equilíbrio, actuando em harmonia com a lei de acção e reacção. Através da paz e do equilíbrio instaurados pelo reino do Pai na face da Terra, a Humanidade franqueará um degrau decisivo na experiência da Liberdade, essa liberdade que será o padrão característico da evolução da Hierarquia dos Jivas (a humana) e sua contribuição ou dádiva original ao Plano do Logos Solar.

Em consequência, ainda, da Decisão de Maitreya e sua fusão arcânica com o princípio da Vontade, ou do primeiro raio do Senhor Sanat Kumara, o Rei do Mundo, o Espírito do Avatara de Síntese pode agir em Maitreya e acompanhá-lo em Sua tarefa ciclópica. Com efeito, esta Mente Iluminada, transplanetária, também conhecida como "Avatara Silencioso", está vinculada intimamente ao primeiro aspecto do Logos e trabalha segundo a Lei natural de Síntese, da unificação e da fusão. Graças ao influxo e qualidades da Sua energia, o espírito de unidade e de síntese estabelecer-se-á na Nova Era a vários níveis. Na "Humanidade", reconhecida pelos Sistema Solar como hierarquia Jiva, dada a sacralização dos remanescentes que constituirão o quinto reino espiritual. No restabelecimento das relações

MANIFESTAÇÃO TRINA DO BUDA MAITREYA COMO AVATARA DE VISHNU

hominiais com os outros reinos da natureza, com a hierarquia dévica e as Entidades cósmicas, interrompido dramaticamente pela era sombria da kali-Yuga, o que conduzirá ao reconhecimento de que todos os Seres vivos são filhos de Deus. Finalmente, a Sinarquia Divina terá o seu advento, o que significa que o reino do Pai, a humanidade do interior do planeta, juntamente com os homens da face da Terra reconhecerão sua filiação única na diacronia universal.

O fenómeno do aparecimento do Buda Branco do Ocidente, como Avatara de Vishnu, representa ele mesmo uma espécie de síntese, condicionada por dois pólos de manifestação: do Buda Humano, com o concurso da hierarquia humana, e o do Triângulo inspirador constituído pelas Entidades extraplanetárias aludidas. Vejamos, então, o esquema ao lado:

Durante o Período de Tensão Hierárquica e com o envolvimento da Hierarquia no Período de Crise, Maitreya tornou-se a personificação da energia dessa Consciência sublime que é o “Espírito Crístico Solar”, o qual, por sua mediação, se acerca mais e mais da humanidade, projectando-se na sua Figura, dum modo nunca antes alcançado.

Não obstante outros Filhos de Deus servirem de canais a esta energia qualificada em outros reinos da natureza, Maitreya, como Guardiã do Raio Crístico em nosso planeta, ocupa um lugar único, específico, relativamente ao quarto reino em evolução, o da humanidade. Falando simbolicamente, retenhamos que a energia crística lança uma ponte viva entre o reino dos homens e o quinto reino dos Homens Iluminados, permitindo que, finalmente, o Reino de Paracleto se radique em todo o orbe e instaure à superfície da Terra.

A configuração do triângulo transplanetário de Consciências em torno do Buda, permite que seu Amor desbordante e sua Vitalidade Espiritual, potenciados por estas três entidades, canalizem e concentrem uma torrente de “precipitação” dos atributos dos raios de aspecto: da Vontade, do Amor e da Luz ou do Espírito Santo, os quais, com Buda Maitreya no centro, estabelecerão o seu manto sobre todo o ciclo de Aquário, sob a égide do raio específico do seu próprio signo, o sétimo raio.

E não é pura casuística que o mentor do raio violeta, S. Germain, tenha recebido das mãos do seu augusto antecessor, o Choan do sexto raio e do ciclo de Peixes, Jesus, o Manto, a Coroa e o Ceptro que o consagraram, no decurso do ano de 1956, como Hierofante do Ciclo de Aquário.

Em 1963 esgota-se, enfim, o “Ciclo das Necessidades” com o despontar do Novo Pramantha, acontecimento incomparável preparando decisivamente o regresso do nosso Grande Senhor, quando em Agosto de 1976, mês solar, se celebrou como que uma entronização de Maitreya e em que o excelso Senhor ordenou solenemente que, a partir desse cerimonial, os caminhos fossem aparelhados para que, progressivamente, se pudesse acercar da superfície da Terra. Em breve o Maha-Choan fará a assunção das suas Vestiduras búdicas,⁽⁹⁾ esse misterioso fenómeno que O investirá, finalmente, como Avatara de Vishnu, em sua expressão de Buda Integral e décimo da sua linhagem.

Dos escombros desta civilização decadente erguer-se-á um novo mundo. Ele, o Avatara, virá com o despertar das mentes para a realidade da existência de outros mundos, não só do mundo de dentro do nosso mundo, mas de fora do nosso mundo. E quando vier, muitos mistérios esotéricos serão clarificados e expostos abertamente. “Nihil occultum quod non scietur”, sim, o que está oculto será revelado, pois os Mestres de Sabedoria caminharão entre os filhos dos homens. Mas virá quando e como o Filho dos Homens e dos Deuses? A manifestação búdica acontecerá, de novo, num lugar inesperado para os seres comuns, os adormecidos, pois que o Messias escolhe os tempos e as circunstâncias, que nada têm a ver com os padrões dos homens vulgares.

⁽⁹⁾ À data da publicação deste trabalho, 1997, cumpriu-se já tão portentoso como sublime mistério.

Não está escrito que “como o relâmpago saído do Oriente se mostra no Ocidente, assim também será a Vinda do Filho do Homem”? E não afirma Hazrat Ahmad,⁽¹⁰⁾ num dos seus vaticínios islâmicos: “Deus diz que chegará sigiloso como um ladrão, o que significa que nenhum astrónomo ou receptor de revelações ou sonhador de sonhos receberá qualquer aviso relativo (ao momento) da sua chegada, com excepção daquele que Ele tenha revelado a seu Messias prometido...”?

Um sura do Alcorão (84,2-7) afirma: “Quando o céu estale em pedaços... quando a terra se estender e arroje tudo o que existe nela, ficando vazia... tu, oh homem que trabalhas com acerto para comparecer ante teu Senhor, com trabalho duro, então O encontrarás.”

Milhares de discípulos sabem, no entanto, que o Messias está próximo e que os planos para a sua vinda já estão fixados. Por isso, discípulos e Mestres conjugam-se num esforço comum, a fim de que tudo culmine na mais extraordinária das iniciações planetárias vividas até hoje. René Guenon, na sua obra “Le Roi du Monde” transcreve o seguinte vaticínio de Joseph de Maistre: “É preciso estarmos preparados para um acontecimento imenso na Ordem divina para o qual marchamos com uma velocidade acelerada, que deve impressionar todos os observadores. Terríveis oráculos anunciam que os tempos estão próximos”.

Actualmente, a nossa hierarquia encontra-se no limiar de passagem da quinta para sexta sub-raça. Mas prevê-se que antes ainda dos finais do século a população classificada com o índice espiritual da sexta sub-raça atinja mais de um terço dos seres encarnados. Com o advento do Buda Mercúrio (existe uma consonância esotérica entre os planetas e os níveis de consciência. O princípio Buddi relaciona-se com Mercúrio) o dinamismo histórico acelerará o desenvolvimento da sétima sub-raça. Nosso Mestre advertiu-nos de que o imperativo da lei provocaria alguma sobreposição das sexta e sétima sub-raças. Revelou, ainda, que a sexta sub-raça se desenvolveria na América do Sul e que o Buda futuro surgiria no Brasil, como eminente filho de Shamballah. Os Mestres depositam as maiores esperanças nesta sub-raça latino-americana, pois ela conduzirá a humanidade ao apogeu do mental abstracto e da quinta Raça Raiz Ariana.

É possível que, ainda antes da Parusia, os ventos cósmicos soprem, para varrer da face do globo as formas decrépitas e as consciências malsãs. No contínuo global da Maha-Yuga, cada fase do seu ciclo representa um estado de consciência do próprio Logos do Planeta. A Kaly-Yuga acentua a prevalência negativa, interpretada esotericamente, de um dos pólos da evolução a que, sob o ponto de vista simbólico, chamamos o Guardiã do Umbral. Contudo, se pudermos ver o espírito vivo sob a letra que mata, compreenderemos que a luta estratégica e portentosa que tem vindo a ser travada entre o Guardiã do Umbral e o Anjo da Presença Planetário, a vitória Deste sobre aquele fará emergir no próximo horizonte a polarização das forças positivas harmoniosas e equilibradas da Satya-Yuga. A mutação escatológica desta luta, que se repercute, pela lei das similitudes, em tudo quanto existe na Terra, e certamente interveio no período de crise de Maitreya, provocará um mais íntimo alinhamento do nosso planeta com os seus

⁽¹⁰⁾ in “Tadhira”

irmãos sacralizados e nosso Logos, “o nosso Pai que está nos céus”, transporá um novo grau de perfectibilidade e, com Ele, todas as hierarquias construtoras e reinos da natureza.

Nosso Mestre, EL RIKE, ao despedir-se dos seus discípulos, em Julho de 1963, a fim de retirar-se por um tempo para o interior do Roncador, no Brasil, após a sua última encarnação, advertiu:

“Mudanças se darão, em pouco tempo (...) Vosso trabalho é o de difundir e construir externamente. Contar ao vosso país e ao mundo o que vistes, ouvistes e aprendestes.

Não 12 discípulos apenas, mas número muito maior, como divulgadores da Era de Aquário, em que um Ser Integral, representando o verdadeiro valor humano, virá ao Mundo.

Ser que conhecemos pelo nome de Avatara Maitreya, mas que terá um nome bem dentro da Sagrada Língua Portuguesa.

Ser que encerrará em Si Próprio o Amor da Mãe, a Sabedoria do Pai e a Onipotência do Eterno (...)

Ser que trará para a Terra, renascida das cinzas, a Idade da Paz, da Felicidade tão desejada desde longos séculos, como a Idade de Ouro.”

Olímpio Neves Gonçalves

(Membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose)

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

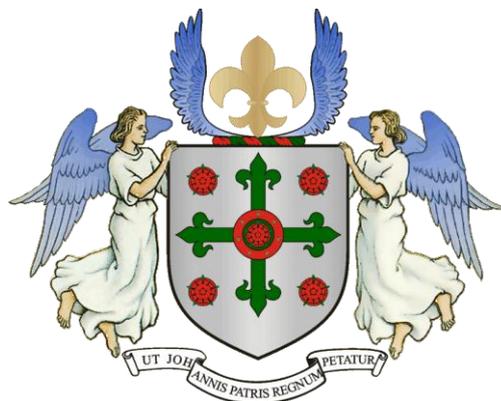
Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia

www.cpeubiose.pt

www.facebook.com/cpeubiose

cpe@cpeubiose.pt

Apartado 4175

1504-001 LISBOA